

Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular

ENSINO RECORRENTE DE NÍVEL SECUNDÁRIO

Programa de Literatura Portuguesa
10º e 11º Anos

CURSO CIENTÍFICO-HUMANÍSTICO
DE LÍNGUAS E LITERATURAS

Autoras:

Maria da Conceição Coelho (Coordenadora)
Maria Joana Campos

Adaptado a partir do programa elaborado por:

Maria da Conceição Coelho (Coordenadora)
Maria Cristina Seródio
Maria Joana Campos

Homologação

25/08/2005

Índice

	Página
1. Introdução	3
2. Apresentação do Programa	4
2.1 – Competências essenciais	6
2.2 – Finalidades	8
2.3 – Objectivos	9
2.4 – Conteúdos	10
2.5 – Sugestões metodológicas gerais	17
2.6 – Sugestões de estratégias/actividades a desenvolver em tempo lectivo	26
2.7 – Indicações gerais sobre avaliação	29
2.8 – Recursos	32
3. Desenvolvimento do Programa	33
Módulo 1	33
Módulo 2	39
Módulo 3	46
Módulo 4	52
Módulo 5	59
Módulo 6	69
4. Bibliografia Geral	80

1 – INTRODUÇÃO

A Literatura Portuguesa é uma disciplina da formação específica do curso científico-humanístico de Línguas e Literaturas do ensino recorrente de nível secundário.

A alteração das perspectivas e circunstâncias curriculares, por convidar a uma reconfiguração da literatura escolar, cria espaço para uma reordenação dos seus valores prioritários, bem como para uma interrogação das suas funções no elenco das disciplinas. Cria ainda a possibilidade de modificar atitudes e perspectivas, conseguindo efeitos transformadores nas práticas lectivas, fortalecendo convicções relativamente às potencialidades e, conseqüentemente, às dimensões prioritárias da educação literária.

Assim, pretende-se que o aluno saiba usar instrumentos teóricos, leia de diferentes modos, articule discursos sobre o literário de forma frequente e progressivamente mais consistente, consolide hábitos de leitura, progrida nas escolhas estéticas, refine gostos, seleccione progressivamente mais e melhores textos, e que, através deste percurso, possa aceder a uma cultura literária que lhe permita ler, com autonomia, outros textos, no seu percurso de vida.

Importa então valorizar uma visão linguística, cultural e artística da literatura e, particularmente, do ensino da literatura, no sentido de poder garantir conhecimentos, experiências e hábitos fundamentais, necessários a todos quantos hoje frequentam a escola, para que possam ser membros de direito de um património comum. Através do encontro com os textos de diversos géneros e tipologias, esses conhecimentos podem fortalecer-se, diversificar-se, aprofundar-se, abrindo as portas a novas descobertas, potenciando a autonomia de cada indivíduo na sua relação com a literatura.

Não será possível, assim, dissociar o ensino da literatura da experiência individual de leitura, na medida em que esta possibilita uma atitude cooperante com os textos sob as formas de interpelação e de envolvimento.

A leitura dos textos literários constitui uma componente relevante na formação do aluno através do prazer estético e da descoberta de si e do mundo que pode proporcionar.

2 – APRESENTAÇÃO DO PROGRAMA

Apresentar o programa de Literatura Portuguesa implica necessariamente deixar antever a sua constituição, bem como as opções pedagógico-didáticas que estão na base da sua formulação. Começa-se por indicar as “Competências Essenciais” entendidas como pré-requisitos para o desenvolvimento do programa, de forma a permitir a realização da avaliação diagnóstica, tanto para a reorientação dos alunos, como para o delinear de estratégias de recuperação.

Um conjunto de Finalidades e Objectivos faz o enquadramento do programa numa pedagogia interactiva, que assegura a articulação entre teoria e prática e o desenvolvimento de competências fundamentais nos diferentes domínios cognitivo, afectivo e social. Esta pedagogia prevê um tempo substancial de interacção entre alunos, professor/alunos e, eventualmente entre turmas, atribuindo aos intervenientes autonomia e poder de negociação no desenvolvimento de protocolos de estudo da Literatura Portuguesa em contexto escolar.

Esta visão do trabalho docente e discente exige uma concepção de escola verdadeiramente preocupada com os ritmos de progressão dos alunos e genericamente com todos os aspectos de diferenciação conducentes a um trabalho empenhado e partilhado que se concretize em aprendizagens significativas. Por isso, exige também um profissionalismo docente de co-responsabilidade, empenho e criatividade no projecto e gestão do trabalho em aula. A aprendizagem da literatura consegue-se através de um processo contínuo, imprescindível ao desenvolvimento das competências pragmáticas de leitura e à estruturação dos saberes genológicos, processo que obriga a estratégias consentâneas com uma metodologia interactiva.

O programa que se apresenta opta pela integração de diferentes perspectivas curriculares da literatura:

- . a literatura enquanto corpo de **conhecimentos** a adquirir – textos literários, circunstâncias de produção e recepção e outros saberes de ordem teórica;
- . a literatura como meio de aprofundamento de **práticas** diversificadas de leitura e de escrita e, por extensão, de configuração de um pensamento crítico e criativo;
- . a literatura como meio privilegiado de desenvolvimento de **hábitos** intelectuais e sociais, que permitam promover formas plurais de relacionamento com a criação cultural, numa perspectiva de formação ao longo da vida.

Tendo a noção de que é no encontro entre indivíduos e textos, e nas práticas que daí decorrem, que pode fazer sentido a aprendizagem da literatura, optou-se por limitar o número de textos a ler para criar zonas lectivas de trabalho efectivo dos alunos: leitura, discussão e escrita.

Uma vez que só os professores, no contacto directo e quotidiano com os alunos, podem conhecer a diversidade de situações educativas, considera-se fundamental a atribuição de autonomia profissional, não só nas opções metodológicas, mas também no domínio da selecção de textos. Deste modo, apresenta-se um elenco de autores e de textos da nossa herança literária a partir do qual é possível constituir múltiplos caminhos metodológicos, envolvendo e responsabilizando professores e

alunos. Considerou-se ainda que, uma vez que os sentidos derivados dos textos variam de acordo com o conhecimento de convenções sociais e literárias, seria necessário ampliar o espectro de experiências textuais.

Apresentam-se, pois, no ponto 2.4. os **Quadros de Referências I e II**, onde se incluem textos e autores da tradição literária portuguesa. A diversidade genológica dos textos foi também tida em conta, procurando incluir-se práticas de escrita de menor visibilidade, como sejam a diarística e a memorialística, a biografia e a autobiografia.

No **Quadro de Referências III** apresentam-se alguns conceitos básicos da teorização literária que constituem uma orientação na exploração dos textos e que progressivamente deverão incorporar o discurso do aluno nas suas considerações críticas.

A grande importância dada ao desenvolvimento da competência literária do aluno implica ainda que a aprendizagem se concretize na interacção entre o saber e as práticas de leitura e de escrita. No ponto 2.5. propõem-se múltiplos caminhos de exploração textual que envolvam o aluno enquanto leitor e investigador curioso. São dadas, em relação aos diversos modos textuais, algumas sugestões de abordagem.

No **Quadro de Referências IV** faz-se o elenco de vários tempos de trabalho lectivo que poderão orientar a leitura, a escrita e a pesquisa e que, de certo modo, correspondem a momentos diferenciados de trabalho individual e partilhado.

O desenvolvimento do programa organiza-se numa estrutura modular, apresentando cada módulo uma identidade própria que inclui a caracterização, os conteúdos, as situações de aprendizagem/avaliação e a bibliografia específica/recursos.

Garantir que todos os alunos se tornem leitores efectivos e ecléticos exige que se explorem novos modos na sua educação literária. Assim, e porque se considera caber a esta disciplina o desenvolvimento da capacidade e confiança dos alunos enquanto leitores autónomos, propõe-se a criação de uma zona de leituras individuais, consubstanciada num **Projecto Individual de Leitura** a ser concebido e desenvolvido por cada aluno ao longo de cada ano. Este projecto visa consolidar e valorizar as suas leituras, revelando e ampliando preferências textuais. Como orientação para o estabelecimento do corpo de obras passíveis de ser seleccionadas no âmbito deste projecto, esteve a preocupação de escolher textos de autores portugueses maioritariamente contemporâneos, capazes de transformar os alunos em leitores mais assíduos, quer ao longo do percurso escolar, quer ao longo da vida. Cria-se, assim, um espaço lectivo (correspondente a um terço do tempo concedido a cada módulo) dedicado a leituras de escolha dos alunos – e um tempo de escrita e de partilha –, para o que se apresenta uma lista de textos (**Quadro de Referência II**), que poderá ser ampliada com outros títulos, desde que de reconhecida qualidade literária.

Ao professor de literatura, cuja presença e intervenção são determinantes neste processo, caberá ser e apresentar-se exemplarmente como leitor empenhado e assíduo, por forma a estimular o envolvimento e a curiosidade dos seus alunos pela literatura nas suas dimensões múltiplas, enquanto língua, arte, património e cultura.

2.1 – Competências essenciais

À entrada do ensino recorrente de nível secundário, o aluno deve ser capaz de demonstrar uma série de conhecimentos e de competências essenciais, gerais e específicas, nos domínios da compreensão e da expressão do oral, da leitura, da expressão escrita e do conhecimento explícito da língua.

Deve o aluno ser portador desse capital de conhecimentos e destrezas que lhe permitirá aceder às exigências de um programa orientado para a leitura literária, cuja vocação culturalmente formativa não pode deixar de assentar em mecanismos linguísticos solidamente apreendidos. Assim, o conhecimento sistematizado dos aspectos fundamentais da estrutura e do uso do português padrão surge como factor relevante para o desenvolvimento da função educativa da disciplina de Literatura em contexto escolar.

O professor deve aferir, através de estratégias e de instrumentos adequados, o grau de consecução dessas competências essenciais, por forma a ajustar as suas práticas às concretas necessidades de cada aluno, no sentido de o transformar num protagonista activo, explorando e considerando os principais tipos de procedimentos literários, sublinhando o apreço pelo facto literário como expressão do mundo pessoal e do gosto estético e como produto social e cultural enraizado num determinado contexto histórico-social.

Considerem-se, portanto, à entrada do ensino recorrente de nível secundário as seguintes competências essenciais:

- Seguir uma exposição ou discurso, retendo a informação que a seguir possa utilizar em intervenção construtiva.
- Identificar no discurso factos, opiniões, enunciados persuasivos, argumentativos.
- Reconhecer a intenção comunicativa do locutor.
- Expressar-se de forma fluente e adequada tendo em conta a situação e a intenção comunicativa.
- Destacar unidades informativas relevantes.
- Exprimir pontos de vista, argumentar.
- Ler fluentemente e em profundidade, hierarquizando os conteúdos do texto, apreendendo criticamente o seu significado e intencionalidade.
- Seleccionar as estratégias adequadas a uma leitura eficaz.
- Apreciar textos literários:
 - utilizar chaves linguísticas e textuais para desfazer ambiguidades, deduzir sentidos implícitos e reconhecer usos figurativos;
 - interpretar linguagens de natureza icónica e simbólica;
 - distinguir as formas naturais da literatura;
 - estabelecer relações temáticas entre textos;
 - reconhecer valores culturais, estéticos, éticos, políticos e religiosos que perpassam nos textos.

- Escrever com fluência e correcção;
- Dominar técnicas fundamentais da escrita compositiva:
 - seleccionar adequadamente as ideias.
 - planificar e organizar as ideias de forma articulada.
 - usar um vocabulário diversificado e preciso.

A confirmação atempada da posse destas competências essenciais permitirá um melhor e mais correcto desenvolvimento do programa de Literatura Portuguesa, cujas finalidades e objectivos a seguir se enunciam.

2.2 – Finalidades

- . Promover o conhecimento de obras/autores representativos da tradição literária portuguesa.
- . Ampliar e aprofundar o conhecimento e compreensão dos textos, estabelecendo conexões entre eles e apreciando o significado das influências sociais e históricas sobre a escrita e o leitor.
- . Fomentar a leitura e a escrita, valorizando a língua no domínio da expressão estético-literária.
- . Valorizar a natureza transaccional da leitura literária, favorecendo a interação entre texto e leitor.
- . Formar leitores reflexivos, confiantes e autónomos que leiam com emoção e discernimento, na escola, fora da escola e para além da escola, conscientes das suas escolhas e dos seus gostos.
- . Promover o conhecimento de si e do mundo, desenvolvendo uma sensibilidade perceptiva e um potencial criador que contribuam para a compreensão do comportamento humano e para o desenvolvimento de formas de relacionamento plurais com a criação cultural.

2.3 – Objectivos

- . Diversificar as experiências de leitura de modo a desenvolver a reflexão crítica, a sensibilidade estética e a imaginação.

- . Desenvolver a competência de leitura crítica a partir do contacto com vários modos, géneros e convenções textuais.

- . Consolidar hábitos de leitura ecléctica, através do contacto frequente e gradualmente mais consciente e autónomo com os livros.

- . Ampliar o conhecimento dos contextos culturais de produção e de recepção das obras e respectivas contingências, reconhecendo o texto literário como objecto que transcende as suas circunstâncias.

- . Utilizar uma terminologia literária adequada e rigorosa sempre que o discurso analítico assim o suscitar.

- . Apreciar a Literatura, reconhecendo-lhe a sua função de valorização social, cultural, pessoal e ética.

- . Produzir textos de diferentes tipologias, escrevendo sobre o texto, a partir do texto e com o texto, integrando competência textual e expressão pessoal.

- . Relacionar a Literatura com outras formas de arte e outros produtos culturais da actualidade, descobrindo a especificidade da experiência estética e da fruição individual que dela decorrem.

2.4 - Conteúdos

O texto literário é, obviamente, o objecto do ensino-aprendizagem da Literatura Portuguesa na medida em que inclui as realizações mais potenciadas da língua e permite o apuramento de valores estéticos e culturais, factores onde radicam as finalidades e os objectivos desta disciplina. Ao texto literário dá-se, pois, um lugar de relevo, elegendo-o como conteúdo fundamental, dele decorrendo outros, tais como a informação contextual e cultural e a teoria e terminologia literárias.

Esta opção levou à esquematização de um **quadro de referências I**, onde é facilmente reconhecível um cânone definido por épocas, períodos, modos e géneros literários, que apresenta um conjunto de autores e obras representativos da Literatura Portuguesa, quer pela influência literária quer pela reconhecida qualidade artística. Este quadro de referências constitui a base de trabalho do professor com a turma.

Quanto à informação contextual – sobre autores, contextos históricos e sociais, correntes literárias, universos de referência aludidos nos textos ou a eles subjacentes – deve ser convocada sobretudo com o texto e depois do texto, para que se não crie uma visão enciclopédica, cujos conceitos se centrem exaustivamente na historiografia literária.

Os aspectos referentes aos arquétipos da cultura ocidental, à mitologia, à literatura tradicional, popular, a que os textos aludem, permitem a verificação das formas e objectivos a que obedece a sua convocação no texto e o alargamento do universo de referência do aluno.

No que se refere à teoria literária, termos críticos e conceitos de retórica, narratologia, poética, estilística, história literária que constam do **quadro de referências III**, convém sublinhar que constituem um instrumento mediador e não conteúdo primordial, pelo que deve evitar-se utilizar os textos apenas para veicular certas nomenclaturas, devendo estas, no entanto, ser convocadas de acordo com os textos e com as estritas necessidades do discurso analítico.

A disciplina de Literatura deve tomar em conta o respeito pelas capacidades e motivações do aluno, pelos seus interesses e ritmos. Por isso se preconiza, neste programa, uma zona de criação efectiva de hábitos de leitura e de escrita através de um compromisso de leitura configurado no início de cada ano lectivo. O **quadro de referências II** pretende constituir-se como base de trabalho do professor com cada aluno, na medida em que dele constam algumas sugestões de autores/textos de reconhecido mérito literário, para que o aluno possa construir um **Projecto Individual de Leitura**. Deste quadro fazem parte, fundamentalmente, autores e textos do século XX por serem facilitadores do diálogo com o património literário mais recente, de forma a que o aluno melhor compreenda as filiações culturais que nos têm vindo a conduzir à entrada do terceiro milénio e se torne mais curioso, competente e autónomo, especialmente quando deixar a escola.

Mas as potencialidades educativas da literatura não se esgotam neste elenco de autores, pelo que se deixa liberdade de escolha e flexibilidade de gestão destes conteúdos, sempre dentro dos limites da relevância literária e pedagógica.

O **Projecto Individual de Leitura** visa consolidar e valorizar as leituras de cada aluno, revelando preferências e diversificando os textos, criando um espaço lectivo (um terço das aulas de cada módulo)

dedicado a leituras da escolha do aluno e motivando um tempo de escrita e de partilha. A implicação do aluno na selecção voluntária dos textos favorece o envolvimento no que lê e responsabiliza-o.

Caberá, pois, ao aluno, no princípio de cada ano, elaborar o seu projecto, em que se compromete a ler integralmente um número mínimo pré-definido de textos [três de prosa, um de poesia (ou uma pequena antologia de diversos poetas) e um de teatro], bem como a dar conta dessa leitura através de diversos recursos. Cada aluno será ainda responsável pelos meios que usará para atestar a sua experiência de leitura através de um *portfolio* individual.

No âmbito deste processo, poderá o professor desenvolver um **Projecto Individual de Leitura** paralelo ao dos alunos, do qual lhes dará conhecimento, no sentido de atestar o seu estatuto de leitor assíduo e de os incentivar a ler autónoma e conscientemente.

Quadro de referências I

Módulos 1, 2, 3
<p>– Momento de diagnóstico</p> <p>– Poesia e Prosa Medievais</p> <ul style="list-style-type: none">. Poesia: Lírica e sátira galego-portuguesas. Prosa: <i>Livros de linhagens</i> (excertos) Fernão Lopes – <i>Crónica de El-rei D. Pedro</i> (excertos) e <i>Crónica de El-rei D. João I</i> (excertos) * (*devem ser trabalhados ciclos de capítulos com coerência narrativa) <p>– Classicismo, Neoclassicismo e Pré-Romantismo</p> <ul style="list-style-type: none">. Poesia: Camões – redondilhas, sonetos, uma canção Bocage – poemas. Texto de teatro: Gil Vicente – <i>Inês Pereira</i> ou <i>Lusitânia</i> ou <i>Dom Duardos</i>¹ António José da Silva – <i>Guerras do Alecrim e Mangerona</i>. Prosa: Bernardim Ribeiro – <i>Menina e Moça</i> (excertos) Fernão Mendes Pinto – <i>Peregrinação</i> (excertos) Padre António Vieira – <i>Sermão da Sexagésima</i> (excertos)

¹ Tradução de Mário Barradas e Margarida Vieira Mendes, 1996, Ed.Cotovia.

Módulos 4, 5, 6

– Romantismo, Realismo e Simbolismo

. **Poesia:** Antologia dos seguintes autores:

- Almeida Garrett
- Antero de Quental
- Cesário Verde
- António Nobre
- Camilo Pessanha

. **Texto de teatro:** Almeida Garrett – *Um Auto de Gil Vicente* **ou** *O Alfageme de Santarém*

. **Prosa:** Alexandre Herculano – *Eurico o Presbítero* **ou** *Lendas e Narrativas*
Camilo Castelo Branco – *A Queda de um Anjo* **ou** *Amor de Perdição*
ou *Novelas do Minho*

Eça de Queirós – *A Ilustre Casa de Ramires* **ou** *O Primo Basílio* **ou**
A Relíquia **ou** *Os Maias*

– De Orpheu à Contemporaneidade

. **Poesia:** Antologia de 4 ou 5 dos seguintes autores:

Alexandre O'Neill, António Gedeão, António Ramos Rosa, Carlos de Oliveira, David Mourão-Ferreira, Eugénio de Andrade, Fernando Pessoa, Herberto Helder, Jorge de Sena, José Gomes Ferreira, Manuel Alegre, Mário de Sá-Carneiro, Ruy Belo, Sophia de Mello Breyner Andresen, Vitorino Nemésio.

. **Texto de teatro:** Raul Brandão – *O Gebo e a Sombra* **ou** *O Doido e a Morte*
José Cardoso Pires – *O Render dos Heróis*

. **Prosa:** Agustina Bessa Luís – *A Sibila* **ou** *Contos Amarantinos*
Aquilino Ribeiro – *O Malhadinhas* **ou** *Andam Faunos pelos Bosques*
Carlos de Oliveira – *Uma Abelha na Chuva*
Irene Lisboa – *Solidão* **ou** *Solidão II* (excertos)
– *Voltar atrás para quê?*
Jorge de Sena – *Sinais de Fogo* **ou** *Os Grão-Capitães*
José Saramago – *A Jangada de Pedra*
Miguel Torga – *Diário* (excertos)
Vergílio Ferreira – *Aparição* **ou** *Manhã Submersa*
– *Conta Corrente* (excertos)
Vitorino Nemésio – *Mau Tempo no Canal*

Quadro de referências II

Poesia

Adolfo Casais Monteiro, Afonso Lopes Vieira, Al Berto, António Botto, António Franco Alexandre, António Maria Lisboa, Casimiro de Brito, Florbela Espanca, Gastão Cruz, João de Deus, João Miguel Fernandes Jorge, João Rui de Sousa, Joaquim Manuel Magalhães, José Régio, Luísa Neto Jorge, Mário Cesariny Vasconcelos, Miguel Torga, Nuno Júdice, Raul de Carvalho, Ruy Cinatti, Sebastião da Gama.

Textos de Teatro

Almada Negreiros – *Deseja-se Mulher*
Branquinho da Fonseca – *Curva do Céu*
Carlos Selvagem – *Dulcineia ou a Última Aventura de D. Quixote*
David Mourão-Ferreira – *O Irmão*
Fernando Amado – *O Iconoclasta*
Fiama Hasse Pais Brandão – *Os Chapéus de Chuva*
Jorge de Sena – *O Indesejado*
José Régio – *O Meu Caso*
José Saramago – *In Nomine Dei*
Lídia Jorge – *A Maçon*
Luísa Costa Gomes – *Nunca Nada de Ninguém*
Miguel Rovisco – *Trilogia Portuguesa (O Bicho, A Infância de Leonor de Távora, O Tempo Feminino)*
Natália Correia – *Erros Meus, Má Fortuna, Amor Ardente*
– *O Encoberto*
Romeu Correia – *O Vagabundo das Mãos de Ouro*
Vicente Sanches – *A Birra do Morto*
Yvette Centeno – *As Três Cidras do Amor*

Prosa

Crónicas, cartas, biografias, autobiografias, memórias, diários

António Lobo Antunes – *Livro de Crónicas*
António Alçada Baptista – *Peregrinação Interior*
Aquilino Ribeiro – *Abóboras no Telhado*
– *Geografia Sentimental*
Artur Portela Filho – *A Nova Feira das Vaidades*
Carlos de Oliveira – *O Aprendiz de Feiticeiro*
Fernando Namora – *A Nave de Pedra*
– *Diálogo em Setembro*
– *Cavalgada Cinzenta*
Fernando Pessoa – *Cartas de Amor de Fernando Pessoa*
José Gomes Ferreira – *A Memória das Palavras (ou O Gosto de Falar de Mim)*
José Rodrigues Miguéis – *Um Homem Sorri à Morte*
José Saramago – *Deste Mundo e do Outro*
Maria Isabel Barreno – *Novas Cartas Portuguesas* (escritas em colaboração com Maria Velho da Costa e Maria Teresa Horta).
Maria Judite de Carvalho – *A Janela Fingida*
Oliveira Martins – *A Vida de Nuno Álvares Pereira*
– *O Príncipe Perfeito*
Raul Brandão – *A Morte do Palhaço e o Mistério da Árvore*
– *Memórias*
Ruben A. – *O Outro Que Era Eu*
– *As Páginas*
– *O Mundo à Minha Procura*

Quadro de referências III

<ul style="list-style-type: none">. Conceito de autor. Cânone literário. Linguagem literária: ambiguidade, polissemia, conotação.. Comunicação literária: escritor-texto-leitor. Ficção. Modos e gêneros literários. Épocas e períodos literários. Estilos (de época, de autor). Texto e contexto. Contextos de produção/ de recepção. Mitos/arquétipos. Valores estéticos e simbólicos	<p>Modo dramático</p> <p>Modo e gêneros dramáticos A convenção dramática Réplicas de personagens e didascálias Acção dramática (progressão e estrutura) Espaço e tempo (representados e de representação) Personagem dramática</p> <p>Modo narrativo</p> <p>Modo e gêneros narrativos Processo narrativo Perspectiva narrativa Relação tempo/narrativa História/discurso Relação narrador/narratário Funções do narrador</p> <p>Modo lírico</p> <p>Modo e gêneros líricos Convenções poéticas Eu lírico Efeitos de associação sonora e/ou semântica de palavras</p>
Título, Subtítulo, Prefácio, Posfácio, Epígrafe, Dedicatória, <i>Incipit</i> , <i>Explicit</i>	

2.5 – Sugestões metodológicas gerais

2.5.1 – Uma perspectiva integradora dos múltiplos domínios da educação literária:

- **Conhecimento**
- **Práticas**
- **Hábitos e preferências**

Reconfigurar o ensino da literatura nos planos curriculares implica necessariamente uma reconfiguração de hábitos lectivos. Na verdade, embora não se possa falar de uma uniformidade metodológica, dadas as diferenças contextuais e profissionais dos professores, é possível localizar práticas escolares dominantes, muitas vezes inadequadas à aprendizagem literária.

Se nos últimos anos, nas indicações programáticas, se registou uma preocupação nítida com as pedagogias activas no sentido de dotar os alunos de autonomia nos múltiplos domínios da sua intervenção linguística e literária, muitos factores, no entanto, terão reforçado formas do ensino tradicional, sustentadas pela presença dominante do professor, do método expositivo, da centração nas matérias e saberes factuais e no entendimento da literatura como conhecimento fixo e transmissível.

A presença e a intervenção do professor são fundamentais no processo de instrução, orientação e aprofundamento do conhecimento e gosto literários do aluno. No entanto, se a figura do professor se consubstanciar na imagem do leitor perito, o único autorizado a traduzir e descobrir linguagem e sentidos textuais, numa mediação sistemática entre alunos e textos, será improvável que o leitor em aprendizagem progrida em termos de percepção, interpretação e avaliação literárias. Deste modo, são exactamente as potencialidades formativas da literatura, como enriquecimento do património linguístico e cultural do aluno, que ficam diminuídas, assim como se impedirá uma potencial competência literária, adquirida sobretudo através da familiaridade crescente com um conjunto diversificado de textos.

Para o mesmo efeito restritivo da dimensão formativa da literatura concorrem os múltiplos materiais disponíveis que garantem resultados equivalentes à leitura das obras programáticas, através de sínteses, resumos, listagens de tópicos fundamentais, que, funcionando como sucedâneos e simuladores de leitura e criticismo, têm um efeito de curto-circuito no processo da aprendizagem literária. O mesmo efeito poderão ter os frequentes trabalhos de fundo, individuais ou de grupo, feitos em casa, estruturados quase exclusivamente sobre juízos memorizados e catalogações padronizadas, consistindo em colagens sucessivas de excertos de textos secundários consultados e que dificilmente constituem prova de uma leitura pessoal efectivamente realizada.

Na verdade, se o ensino da literatura for aferido por estas formas que excluem a leitura efectiva das obras, a sua relevância na formação e conhecimento dos indivíduos arrisca-se ao vazio. Diante deste cenário metodológico, de que muitos profissionais se distanciarão, será de procurar outros caminhos mais consentâneos com a natureza formativa da disciplina, dando atenção e lugar à dimensão complexa e múltipla da literatura escolar numa perspectiva integradora do **conhecimento**, das **práticas** e dos **hábitos e preferências** do aluno.

Conhecimento

São múltiplos os saberes que interpenetram e ladeiam a literatura e sem os quais a leitura literária fica empobrecida: alusões culturais e literárias; saberes relativos a autores, à sua vida, obra, influências, época; saberes relativos a termos literários e conceitos subjacentes, modos e gêneros, convenções, estratégias de abordagem globais à leitura e à crítica, etc.

Esta multiplicidade de saberes facilmente configura uma visão institucionalizada e simplificadora da literatura escolar encarada, sobretudo, como informação. No entanto, embora fonte de saber, a literatura não se reduz a um corpo de conhecimento a ser apreendido. Na sua dimensão artística, a literatura tem funções insubstituíveis, quer no desenvolvimento da compreensão das potencialidades linguísticas, quer na exploração do mundo da experiência e, conseqüentemente, na consciência e conhecimento próprios. Nesta perspectiva, não é aceitável conceber uma aprendizagem da literatura sem a experiência individual da leitura. Da leitura pessoal, enquanto encontro e apropriação textual, decorre a mais valia linguística, cultural e literária dos alunos. Além disso, a valorização da leitura pessoal não tem implicações puramente metodológicas, uma vez que se pode verificar uma relação de causa/efeito entre a permissão da busca de sentido textual e um maior conhecimento, capacidade e conseqüente interesse pela literatura. Deverá, então, a escola incentivar e dar espaço a encontros frequentes com os livros, que progressivamente se tornem mais intensos e elaborados e que possam preparar os alunos como leitores independentes.

Práticas

Um cenário de intervenção activa do aluno implica, necessariamente, uma metodologia que desenvolva as capacidades pessoais, as atitudes e comportamentos autónomos e responsáveis no que diz respeito à pesquisa e à abordagem dos temas. Daí que caiba ao professor evitar a acentuação excessiva dos saberes de referência histórico-literários, histórico-culturais, concretizada em contextualizações prolongadas feitas através de exposição oral do professor ou da proliferação de textos policopiados. O professor poderá considerar previamente o que julga ser um saber imprescindível à leitura de um texto e que o aluno não domina: aspectos de léxico, de sintaxe arrevesada, alusões literárias, etc. Não parece, contudo, necessário fazer preceder qualquer obra não contemporânea de uma explicação detalhada do contexto em que foi produzida.

Ao aluno deverá ser concedida a possibilidade de, como leitor activamente implicado, preencher vazios textuais, de múltipla natureza. É possível sondar nas obras aspectos que podem revelar dados culturais do tempo em que foi produzida, e também aqui alguma especulação será bem-vinda e estimulante. O confronto entre o que se infere e as informações contextuais poderá ser final, para que a leitura seja uma descoberta e não uma forma de confirmação do já sabido. Necessariamente que as leituras e conclusões do aluno serão incipientes e incomparáveis com a sabedoria dos estudiosos,

contudo, é necessário insistir na importância dos contactos efectivos com as obras, que deverão preceder a leitura ou a apresentação dos textos secundários (históricos, críticos, etc.). Com isto não se entenda que as leituras iniciais do aluno são produtos acabados de legitimação imediata. Todavia, as situações de sobreinterpretação, os abusos subjectivos, as projecções, os anacronismos, poderão ser considerados como ponto de partida para um trabalho efectivo de atenção, discussão, investigação e aprimoramento.

Numa aula de literatura, onde habitam maioritariamente textos passíveis de múltiplas interpretações que reclamam um sentido, tem de necessariamente dar-se espaço, oportunidade e atenção às divergentes leituras do aluno. Só assim este pode assumir a sua activa condição de leitor e a sua co-responsabilidade na construção do sentido textual. A tomada de consciência da autoridade conferida pelo seu estatuto de leitor implica igualmente o reconhecimento de que não só os seus conhecimentos e experiências passadas dão forma à leitura literária como, da mesma forma, as suas crenças, desconhecimentos e preconceitos interferem e fragilizam as conclusões interpretativas. Neste âmbito, não chegará dar atenção lectiva às circunstâncias culturais do autor, será necessário estendê-la ao contexto cultural dos seus leitores. Estes deverão reconhecer os limites da sua experiência e procurar alargá-la com o conhecimento progressivo da língua, da literatura, da história. Assim, deverá o aluno ser responsabilizado por investigações em matérias laterais às obras literárias, que possam ajudar a esclarecê-las e justificá-las. É o caso dos saberes contextuais (históricos, sociais, políticos, estéticos, filosóficos), que deverão ser investigados ou convocados para melhor enquadramento e entendimento dos textos. Progredir como leitor implica ainda procurar saber mais sobre as circunstâncias de produção e recepção: como os textos foram produzidos e impressos, como foram recebidos e lidos no tempo da sua publicação, como foram representados, traduzidos em filme, musicados. Exige-se, contudo, que a par desta actividade investigativa, os textos propostos sejam efectivamente lidos, interpretados, discutidos e explorados pelos alunos. A sua confiança como leitor só se poderá desenvolver e fortalecer através de actividades interpretativas *a solo*, que, de modo cumulativo, permitirão o desenvolvimento de uma perícia de leitura e de um legado de satisfação associados à leitura literária.

A leitura literária exige evocações pessoais e a isso deverá acostumar-se o leitor. No entanto, este deverá ser incentivado a partilhar a sua leitura e interpretação dos textos e a defendê-las publicamente. O aluno poderá, assim, diferenciar a sua experiência pessoal daquilo que é partilhável, atendendo às restrições, quer dos factos textuais, quer da pequena comunidade interpretativa constituída pelo professor e pelos colegas da turma. As práticas não se restringem assim à leitura, estendem-se a actividades que dela decorrem e que devem ser incentivadas: a exposição pública da leitura através da discussão, da dramatização, da escrita, da recriação artística, através das quais o aluno apresenta aos outros o seu entendimento do autor, da obra, do contexto. Deverá ainda saber que há múltiplas possibilidades de olhar os textos e treinar formas incipientes de ensaio que apresentem uma atenção mais demorada a aspectos particulares, como os traços do autor, a especificidade da linguagem, o estilo, outros textos que naquele se entrecruzam, o contexto em que

foram escritos, o próprio leitor.

Hábitos e preferências

Assegurar, nas aulas de literatura, uma pedagogia que envolva o aluno em variadas intervenções e a quem se exigirá um progressivo domínio do descodificar, recriar, analisar, interpretar, não será ainda suficiente. Um programa de literatura deve manifestar-se no desenvolvimento ou modificação dos hábitos do aluno e ambicionar que os seus efeitos se verifiquem para além da escola, nas suas leituras e escolhas. Este não só deve ter o hábito de ler diversos tipos de obras, quer clássicas, quer contemporâneas, como deverá desenvolver uma abordagem ecléctica aos vários textos que lê. Isto implica ultrapassar a simulação e dissimulação que tão frequentemente surgem nos discursos cristalizados sobre a literatura na escola e contrapor aos saberes extraíveis que a escola valoriza, enquanto matéria examinável, uma abordagem à literatura como uma obra de arte a ser experienciada por si própria. Como se sabe, o que pode diferenciar uma obra literária de outros tipos de expressão ou comunicação não reside exclusivamente nas características textuais, mas depende da atitude que o leitor toma perante os textos. O hábito da leitura *eferente* – extracção de informação - das obras literárias deverá, então, ser contrariado por práticas da leitura *estética* em zonas lectivas que promovam o desenvolvimento de hábitos de leitura e de escrita e que valorizem a experiência de leitura como experiência artística. A educação literária implicará também o desenvolvimento de um “gosto” e de uma valorização de textos de mérito literário.

Outro conjunto de hábitos deverá ser desenvolvido, como o de fazer ajuizamentos estéticos sobre diversos textos lidos e justificá-los. O aluno lê, prefere e escolhe o melhor, e defende o que ama usando diversos critérios: o impacto que a obra nele teve; a sua forma e estrutura; se foi ou não significativa a experiência de leitura. Estas formas de avaliação literária devem ser encorajadas nas aulas, assim como as discussões que partem delas, caso haja discordância relativamente ao mérito de um determinado texto.

Estes momentos de apreciação e defesa de textos particulares, embora presentes ao longo de todo o tempo lectivo, terão um espaço privilegiado de desenvolvimento nas zonas lectivas destinadas ao **Projecto Individual de Leitura**. Espera-se que, neste espaço curricular, a leitura, a discussão e a escrita na aula surjam de forma autónoma e espontânea, conseguindo que as práticas se unam aos hábitos. Talvez assim os efeitos da intervenção do professor e das condições de aprendizagem que criou sejam verdadeiramente significativos e duradouros.

Projecto Individual de Leitura

Trata-se de um projecto pedagógico que visa estreitar e aprofundar o relacionamento pessoal do aluno com os livros, criando situações de leitura diversificadas e motivadoras e dotando-o de voz e autonomia no contexto escolar. Para que tal aconteça, o aluno deve empenhar-se na sua concepção, evidenciando claramente, no início de cada ano, a escolha de obras susceptíveis de conquistar o seu interesse pela leitura literária. A determinação de um projecto de leitura desta natureza implica o compromisso do aluno face ao professor e aos outros alunos, intervenientes solidários no processo.

Como desenvolver o Projecto Individual de Leitura

Ultrapassada a fase inicial de selecção dos textos, deve o professor fornecer um leque de actividades diversas do qual o aluno selecciona as que melhor aprofundem a sua competência de leitor crítico. Dessas múltiplas possibilidades devem constar tarefas que vão do investimento afectivo imediato (reação à leitura) à pesquisa organizada.

À medida que o **Projecto Individual de Leitura** vai sendo desenvolvido, são definidos métodos mais conscientes e menos empíricos. Cabe ao professor propor situações motivantes para ajudar o aluno, propor-lhe ferramentas e etapas de trabalho mais ajustadas, graduar a dificuldade, contribuindo, desse modo, para uma autonomia crescente.

Em qualquer momento do percurso, porém, pode o aluno introduzir ajustamentos no seu projecto, ora porque viu gorada a sua expectativa face à leitura de uma obra, ora por se achar em dificuldade para levar a cabo uma tarefa que se propôs realizar. Deve, então, negociar com o professor as alterações a realizar, de modo a tornar possível o desenvolvimento do seu projecto.

Deverá valorizar-se o saber e a experiência de cada aluno, não impedindo os intercâmbios horizontais entre alunos, ao fim de algum tempo de leitura individual, para que todas as hipóteses sejam discutidas e enriquecidas com a discussão. Poderão, assim, ser implementados alguns protocolos de leitura, permitindo-se a agregação de leituras por pequenos grupos de alunos, cujas respostas serão, no entanto, individuais.

Ao longo do ano, o aluno será chamado a partilhar com os colegas e com o professor, através de actividades de expressão oral e de expressão escrita, o trabalho que vai realizando. Deixam-se como indicação, duas actividades fundamentais:

1) Fórum de leitores, onde cada aluno intervém para fazer o ponto da situação do seu trabalho, para propor protocolos de leitura (angariar algum possível co-leitor), modificar o seu projecto ou perspectivar o trabalho futuro face ao já realizado. Pode, ainda, ser criado um fórum na Internet, de maneira que os alunos de uma Escola possam trocar opiniões entre si, ou com alunos de outras Escolas. O papel das TIC pode ser, neste âmbito, de capital importância.

2) Relatório sobre o progresso do seu projecto.

Estas actividades devem ser calendarizadas no início de cada módulo.

Nas aulas correspondentes ao desenvolvimento do **Projecto Individual de Leitura** (um terço das aulas de cada módulo), o professor deve procurar inteirar-se das dificuldades de cada aluno, visto que

o tempo é um factor indispensável de transformação de pessoas e situações, pelo que os horizontes de partida do aluno serão obviamente diferentes dos horizontes de chegada.

2.5.2 – Sugestões metodológicas referentes ao tratamento escolar de:

- **Poesia**
- **Texto de Teatro**
- **Textos em Prosa**

Poesia

A leitura de poesia parece ser uma prática crescentemente impopular e subalternizada pela escola. Esta subalternização poderá radicar na extrema complexidade que reveste o processo do seu ensino. Trata-se de um tipo de texto pouco familiar aos nossos alunos (contrariamente ao narrativo, cuja presença é quotidiana), vulgarmente associado com a letra impressa e cujo contacto parece restringir-se, exclusivamente, ao espaço escolar. Ainda acresce o facto de, na generalidade, a poesia ser invulgarmente concisa, frequentemente condensada e elíptica, exigente, requerendo uma maior atenção, interpretação e conjectura por parte dos leitores.

No tratamento escolar da poesia pode, frequentemente, registar-se a presença de duas atitudes extremas e antagónicas: um excessivo apego às qualidades formais do texto e subsequente aplicação de termos técnicos da versificação ou da teorização literária, ou uma excessiva ênfase na expressão de envolvimento, aliada ao temor de que a prática analítica possa desvirtuar a experiência estético-literária.

São, contudo, enormes as potencialidades educativas que a poesia oferece, quer no âmbito de uma crescente competência linguística e comunicativa, quer numa mais geral competência literária e cultural. Necessariamente que o desenvolvimento destas capacidades depende, sobretudo, dos métodos utilizados pelos professores no seu quotidiano lectivo. Deste modo, considera-se a necessidade de criar frequentes momentos lectivos em que o aluno seja responsabilizado pela leitura de poemas, desenvolvendo as suas capacidades de compreensão e de interpretação, para que se promova a familiaridade com as convenções poéticas. A leitura da poesia exige uma colaboração activa do leitor, pressupondo que este evoque as imagens e experiências relevantes a partir da linguagem conotativa. Está ainda dependente da sua capacidade de tolerar a incerteza e de não se fixar facilmente e muito cedo numa conclusão. É, além disso, um processo lento que se deve sustentar em leituras sucessivas, durante as quais a experiência do poema é mais completamente evocada e criada. Caberá ao professor criar um clima receptivo que congregue leituras de vária natureza e propósito. Ao aluno, pede-se que seja inquiridor e que explore o que pode constituir um sentido global, se bem que provisório. Espera-se que se envolva na formulação de hipóteses inteligentes, que encare com prazer a natureza problemática do texto – sugestiva, alusiva, silenciosa - que evoque experiências de vida e que esteja preparado para se empenhar na sua partilha.

Várias actividades poderão concorrer para um maior domínio, perícia e interesse pela leitura poética. Na aula de poesia haverá lugar para abordagens eclécticas, que implicarão indivíduos, pares,

grupos e turma, bem como práticas de leitura, de declamação, de audição, de dramatização, de associação de materiais visuais e sonoros, de escrita poética motivada. A leitura poderá ser focalizada ou sem propósito. Ler-se-á em silêncio, trocando com o colega impressões e interpretações. Ler-se-á em voz alta, expressivamente. Discutir-se-á em pequenos grupos o sentido dos poemas escolhidos pelos alunos. Usar-se-á terminologia como meio de falar devidamente de poesia. Criar-se-ão novas disposições gráficas de poemas que ajudem a estabelecer o tema, imagens e padrões acentuados de forma associada. Forjar-se-ão *pastiches* fiéis, para que o aluno detecte, compare, discuta o mérito literário dos versos originais.

Texto de Teatro

O texto de teatro é, antes de mais, um texto operável. A sua condição é a de um texto incompleto que procura a sua forma na acção espectacular. Se o leitor é chamado a fechar, com a sua experiência, os vazios e indeterminações dos textos ficcionais e poéticos, no caso do texto dramático as solicitações são ainda maiores. Caberá ao leitor, a partir do texto, a construção ou reconstrução imaginária do teatro/representação a partir das palavras (falas de personagem e indicações cénicas) registadas em livro, folheto. Terá de inventar os corpos, os gestos, os cenários, para que se possa completar a encenação necessária a um entendimento global. Será desajustado ler este texto como narrativa, e um trabalho a promover em aula será o do confronto e contraste entre os dois modos, concretizado em transformações de texto. Dever-se-á assegurar que se utilize a terminologia relacionada com o texto de teatro: tragédia, comédia, público, auto, farsa, cena, acto, quadro, monólogo, aparte, entre outros.

Evitem-se os resumos de acção expostos antes da leitura, bem como as longas contextualizações prévias que dão conta de um infindável número de dados referentes à época, à caracterização social, ao teatro do autor e ao teatro que o precede, etc.

Leia-se na aula o texto, expressivamente, se necessário, depois de um inventário lexical mínimo que garanta uma melhor compreensão dos textos antigos. Inventem-se as práticas de representação, dramatizem-se cenas, façam-se listas de actores/atrizes necessários para a representação, listem-se os adereços e outros objectos necessários ao espectáculo, delimitem-se cenas, completem-se ou escrevam-se didascálias. Investigue-se a época, os teatros, o tempo da representação, o público. No caso dos autos de Gil Vicente, espere-se que os alunos riam para depois poder discutir o cómico e as suas formas de produção, sabendo, no entanto, que muitas das graças públicas e privadas que tiveram lugar no seu teatro se perderam por não terem dimensão registada e escrita ou porque a distância entre as circunstâncias de recepção de então e as de hoje é enorme. Além do mais, o cómico é muito mais difícil de entender que o trágico, porque o cómico viola a lei mas não a explica, enquanto que o trágico o faz. Não se faça crer que se pode entender tudo, desloque-se a perspectiva para o espectador, comparem-se versões e, se possível, assista-se a encenações diferentes de um mesmo texto, discuta-se a função do teatro, tendo em conta a possível ou impossível identificação do público com as personagens, produzam-se, a partir de representações, textos críticos próximos do jornalismo e elaborem-se guiões para teatro e adaptações para teatro filmado.

Textos em Prosa

Aqui incluída está a narrativa ficcional dos romances, novelas e contos, bem como formas híbridas, percorrendo um espectro entre a ficção e o documento, a historiografia, a narrativa de viagens, a biografia, a autobiografia, a carta, a página de diário, a crónica jornalística. Dado o amplo espectro de tipologias de textos em prosa, será de problematizar as categorizações textuais, levantando questões relativas às condições de produção e de recepção dos textos, compreendendo o autor, as suas intenções, o público/leitor, os meios de difusão, etc.

Será igualmente importante desenvolver no aluno a capacidade de uma flexibilidade de leitura, “suspendendo voluntariamente a sua descrença” no caso da ficção, do teatro e da poesia, ou retomando o critério da verosimilhança nos casos em que os textos se assumem como factuais e não ficcionais. Sobretudo, interessará conseguir no leitor uma atitude de questionamento sobre os efeitos de real produzidos e sobre a sua eficácia.

Embora este programa ainda remeta para a leitura de excertos de alguns textos, a maior parte das leituras propostas visa a obra integral que exige um sentido que se constrói progressiva e globalmente. Neste caso e sempre que possível, coloque-se o aluno em contacto com o livro, objecto concreto na sua totalidade, o que poderá reforçar a associação entre leitura escolar e a leitura não escolar.

Serão de evitar os questionários sistemáticos que se centram exclusivamente na compreensão explícita e factual ou que propõem uma percepção fragmentada dos textos, assim como as grelhas fixas que obrigam a olhar de modo igual textos das mais diversas naturezas.

Se numa primeira leitura, quase sempre intuitiva, a apreensão de sentidos do texto é ainda desconexa, será importante dar tempo ao aluno para objectivar o conjunto de conhecimentos textuais e para lhes poder conferir ordem e sentido. Este trabalho é já de síntese, o que implica operações mentais – mobilização de saberes, antecipação, selecção de elementos textuais, inter-relação de elementos dispersos, validação de hipóteses.

Para o estudo da narrativa, pode o aluno partir da intriga, que é um dos elementos que melhor sustenta a expectativa do leitor, ou da personagem como agente da acção, realçada pelo narrador ou por outra personagem e, porque muitas vezes se aparenta com a realidade, o aluno pode identificar-se com ela. Depois, pode prosseguir, partindo para a inferência de outros elementos como assunto, tópicos, aspectos simbólicos e ideológicos, espaço e tempo, aspectos socioculturais. O aluno manifesta opiniões sobre heróis ou enredos, problemas morais ou psicológicos, políticos ou sociais dos livros que leu, recontando, conversando, resumindo, avançando um tema, aderindo ou afastando-se das personagens, comparando-as, lembrando outros livros, usando com maturidade e consciência uma nomenclatura específica de crítica literária. O professor deve gerar interrogações que culminem em respostas e juízos de valor cada vez mais sólidos e rigorosos e promoverá uma atenção crescente à linguagem.

Dada a diversidade tipológica e funcional dos textos - crónicas, cartas, biografias, autobiografias, memórias, diários – poder-se-ão treinar múltiplas direcções do olhar do aluno/leitor. Contudo, a par de um tempo de leitura, reflexão e discussão, criem-se momentos de escrita que permitam a demora com um texto preferido, aliada à possibilidade de expressão pessoal, prolongando-o, imitando-o, fingindo-o

seu, de modo a que a competência narrativa e ficcional se apure e se refine e o aluno/escritor ganhe discernimento como leitor.

2.6 – Sugestões de estratégias/actividades a desenvolver em tempo lectivo

Quadros de referências IV

Tempo de leitura

Nas aulas de literatura haverá lugar para o desenvolvimento de vários tipos de leitura que vão desde a leitura impressionista a formas mais elaboradas, analíticas e críticas. Não interessará que o aluno detenha uma forma padronizada de leitura e articulação e que a use sistematicamente. Convém, sobretudo, que ele tenha a possibilidade de ler de forma flexível, detendo um leque diversificado de abordagens, a que poderá recorrer consoante o propósito e as perspectivas pessoais. Para o desenvolvimento da competência de leitura propõem-se estratégias/actividades diversificadas:

- . leitura para informação
- . leitura silenciosa
- . leitura em voz alta
- . leitura expressiva
- . leitura dramatizada
- . leitura extensiva/intensiva
- . leitura global/ selectiva

Para formar leitores activos e autónomos, capazes de abordar qualquer texto, é necessário promover as seguintes modalidades de leitura:

Leitura recreativa – leitura para fruição estética do texto;

Leitura funcional – leitura para informação, de modo a solucionar um problema específico;

Leitura analítica e crítica – leitura para a construção da significação do texto, visando a capacidade de análise crítica autónoma.

Tempo de informação

Espera-se que o aluno leia para se informar e compreender. As actividades vão desde a pesquisa à recolha e síntese de dados, factos, ideias em diversas fontes (escritas, orais, filmadas, gravadas em áudio ou electronicamente produzidas).

Nesta zona lectiva, procurar-se-ão sobretudo os saberes de enquadramento dos autores e dos textos ou aqueles a que os textos aludem. Deste modo, a investigação estender-se-á à procura e escolha de outros textos (escritos ou não) que se constituem como referências culturais e literárias.

Aqui se incluem também as leituras que o aluno fará para sondar e seleccionar os textos do seu **Projecto Individual de Leitura**.

Evitar-se-ão as contextualizações prolongadas e descritivas, as múltiplas fotocópias. O professor fará apresentações breves do que considerar marcante e imprescindível ao conhecimento dos textos e das suas circunstâncias. Fundamentalmente, o professor aliciará, convidará a explorar, não podendo, por isso, dizer tudo o que sabe. Deverá ser sobretudo uma fonte que dirá onde procurar e onde encontrar os saberes necessários. Será ainda responsável pela qualidade dos materiais que selecciona, discriminando as melhores edições/traduições/versões das obras e sugerindo textos de interesse com o empenhamento de um conhecedor.

Tempo de escrita

Escrita sobre a Literatura

– Informal

- . escrita sobre os textos como processo auxiliar do pensamento
- . escrita para monitorizar, gravar e partilhar o pensamento com outros

– Formal

- . escrita analítica (centrada no texto)
- . escrita impressionista (reação subjectiva ao texto)
- . escrita argumentativa (opinião fundamentada sobre aspectos do texto)

Escrita com a Literatura

- . reescrita/prolongamento de:

cenas
incipits
epílogos
versos

- . imitação:

estilos de autores
formas poéticas fixas

- . transformação:

pastiches
paródias
de modo
de género

- . escrita motivada de:

poemas
cartas
textos de teatro
crónicas
contos
biografias
autobiografias
páginas de diário
retratos

2.7 – Indicações gerais sobre avaliação

Reconhecer a importância dos interesses, hábitos e atitudes do aluno no currículo de Literatura Portuguesa implica que as práticas de avaliação não se restrinjam à aferição de conhecimentos e de competências. Devem procurar-se, também, formas mais descritivas que normativas, como seja a avaliação por *portfolio*, que darão conta do modo como os hábitos de leitura e de escrita, as preferências literárias e os critérios de reconhecimento de mérito literário, se vão fomentando e desenvolvendo.

A avaliação é a recolha sistemática de informação relativa às aprendizagens dos alunos, seja do caudal de conhecimentos adquiridos, seja das atitudes, dos hábitos e dos interesses demonstrados. Os procedimentos a privilegiar na avaliação devem ter em conta os resultados da aprendizagem, mas também as condições e os processos de realização das tarefas.

O aluno deve ter uma participação activa na avaliação do seu processo de aprendizagem, sendo por isso necessário desenvolver hábitos constantes de auto-avaliação. Esta permite averiguar os métodos que o aluno utiliza, o valor que dá à aprendizagem, eventualmente reconhecer a importância da selecção de um outro percurso. Mas também as suas motivações, expectativas, críticas, concepções sobre educação estão em causa, na medida em que a auto-avaliação constitui um excelente método de aferição do trabalho realizado.

Não será por demais sublinhar que escrever sobre literatura requer capacidades de generalização, síntese e avaliação, domínios complexos que devem ser desenvolvidos e aprofundados ao longo dos dois anos do programa. O professor deve construir instrumentos de avaliação adequados e diversificados e deve indagar sobre os efeitos destes nos resultados e no condicionamento de todo o processo de ensino/aprendizagem, de modo a, se necessário, modificar as formas de obter informação. A avaliação deve constituir-se como um processo permanente de revisão e análise da prática, deve ser um momento de partilha da pequena comunidade de leitores, instituída já para outras tarefas, que reflecte com naturalidade sobre os seus sucessos e insucessos.

Será considerada uma aprendizagem de sucesso quando o desempenho do aluno demonstrar a aquisição das seguintes capacidades e competências:

- compreensão de uma série de textos diversificados; capacidade de produzir enunciados decorrentes de questões que os textos colocam (escrita com o texto, escrita a partir do texto, escrita sobre o texto);
- capacidade de detectar diferenças e semelhanças entre textos, inferindo sobre os efeitos do contexto e sobre interpretações produzidas por outros leitores;
- capacidade de demonstrar os elos de ligação entre os significados produzidos e as opções do autor no que respeita a modos e géneros, estrutura e linguagem;
- competência de expressão escrita correcta e coerente, com um vínculo evidente à terminologia e teoria apropriadas;
- competência argumentativa na forma como sustém uma linha de argumentação.

Como avaliar o Projecto Individual de Leitura

A avaliação do **Projecto Individual de Leitura** terá a sua expressão máxima num *portfolio* a conceber por cada aluno. Nele, o aluno apresenta o que pode fazer como leitor, interessando demonstrar que tenha adquirido mais modos de ler, mais perspectivas a usar, mais maneiras de pensar uma obra literária e, sobretudo, que tenha adquirido hábitos produtivos de leitura e de escrita.

O *portfolio* tem um duplo propósito de informar e persuadir. Embora possa ter alguma orientação do professor, deve ser inteiramente da responsabilidade do aluno que selecciona o que ali coloca, informando das suas leituras e dos trabalhos subsequentes, tentando simultaneamente persuadir o professor sobre a legitimidade do caminho percorrido. Desta maneira, o aluno torna público o seu trabalho pessoal, dando conta, ao professor e aos colegas, na forma de registos em diversos suportes (papel, fotografia, gravação áudio e/ou vídeo, por exemplo), dos resultados/aquisições e dos meios/processos que usou para levar a cabo o seu projecto de leitura. Exemplo de materiais que podem constar do *portfolio*:

- uma lista dos textos lidos e trabalhados;
- uma justificação da selecção realizada (preferência de autor, temática interessante, curiosidade,...);
- textos de opinião criados pelo aluno para persuadir os colegas da importância e interesse do texto/obra lido(a);
- um poema elaborado pelo aluno como resposta recriativa a um poema lido e amado;
- uma gravação de um excerto de programa radiofónico feito em comum com outros alunos e resultante de uma transformação de texto narrativo em dramático, posteriormente reconstituído para o uso de rádio;
- uma antologia de poemas;
- uma colecção de fotografias associadas a um texto/obra lido(a) e o registo da razão dessa associação;
- uma autobiografia de leitor.

Ao professor caberá verificar o mérito individual do aluno e o valor do que foi estudado, estabelecendo critérios de avaliação do *portfolio*, discutindo antecipadamente com o aluno sobre o que considera como prova de leitura, o que valoriza, etc. Deve, contudo, ter em conta que o que interessa num trabalho desta natureza é a coerência e o empenho na construção dos materiais, mais do que a sofisticação dos mesmos.

A avaliação do *portfolio* deve ser formativa e processual, constituindo uma reflexão contínua e sistemática sobre a diversidade individual dos modos de aprender e de dar respostas aos estímulos provocados pela leitura literária. Deve consciencializar o aluno para as dificuldades e para os percursos alternativos e complementares, mediante utilização de instrumentos formais e/ou informais por parte do professor, constituindo para o aluno uma oportunidade para uma auto-avaliação constante e motivadora.

Para além dos relatórios e da participação do aluno no fórum de leitores, deve o professor construir grelhas de observação do *portfolio* que sejam um instrumento eficaz na comprovação das competências referencial (obter, seleccionar e sintetizar informação), textual (apreender a organização interna dos textos) e de receptividade estética (fruir o texto, identificar-se/projectar-se nas personagens/herói, reagir emocionalmente, pedir informações complementares sobre o texto e/ou autor, mostrar interesse por outros textos, apreender a sua qualidade estética). Registos informais e descritivos são também aconselhados, pois permitem uma melhor solução pedagógica nas dificuldades, correspondendo de forma mais adequada a uma pedagogia compensatória.

Na medida em que o **Projecto Individual de Leitura** deve ser desenvolvido durante um terço da duração de cada módulo, propõe-se que o resultado de tal actividade se traduza, significativamente, na classificação final de cada módulo, o que valorizará um ensino diferenciado e uma avaliação global e integrada do aluno, só possível pela implementação de uma estratégia curricular individualizada.

2.8 – Recursos

Para a consecução dos objectivos deste programa, é necessário que a escola disponha de uma **biblioteca apetrechada** de múltiplas obras de autores portugueses.

Material didáctico suplementar	
Escrito	Multimédia
Dicionários (do livro, etimológicos, de símbolos) Revistas e jornais literários História(s) de Arte História(s) da Literatura Enciclopédias Gramáticas Prontuários	Fotografia de obras de arte Ilustrações Diapositivos Registos áudio e vídeo: · de poemas musicados ou declamados · de música clássica e contemporânea · de peças de teatro · Livros-electrónicos Sítios da Internet sobre autores e obras.
Técnico	
Cassetes de áudio e vídeo; leitor/gravador; cassetes e CD; televisor; retroprojector; computador em rede; impressora; auscultadores.	

Sítios para consulta

Biblioteca Nacional: www.bn.pt (25/06/2004) http://classic.univ-ab.pt/testes/index.html (25/06/2004) Fundação Gulbenkian: www.gulbenkian.pt (25/06/2004) Fernando Pessoa: www.lsi.usp.br/art/pessoa/mensagem.html (25/06/2004) Instituto Camões: www.instituto-camoes.pt/cvc/index.html (25/06/2004) www.instituto-camoes.pt (25/06/2004) Letras e Letras: www.ipn.pt/opsis/litera/letras/index.html (25/06/2004) Literatura: www.citi.pt (25/06/2004) Projecto Vercial: http://alfarrabio.um.geira.pt (25/06/2004) République des Lettres: www.republique-des-lettres.com (25/06/2004) web.rccn.net/camoes www.education-world.com (25/06/2004) www.insite.com.br/art (25/06/2004) www.terravista.pt (pesquisar Enseada 5066) (25/06/2004) www.elsas.demon.nl (25/06/2004) www.emule.com (pesquisar poetry) (25/06/2004) www.uc.pt (25/06/2004) http://www.secretel.com.br (pesquisar Arte & Cultura) (25/06/2004)

3 – Desenvolvimento do Programa

MÓDULO 1

. Poesia e Prosa Medievais

Duração de Referência: **11 semanas**

1 | Caracterização do módulo

Inserem-se neste módulo **três** momentos diferentes. Num primeiro momento, deve o professor proceder ao diagnóstico, de forma a verificar se o aluno possui os requisitos mínimos para iniciar novas aprendizagens. Deverão ser implementadas actividades de compreensão e de expressão oral e escrita, a partir de excertos de textos literários, para obter informação e tomar decisões adequadas face ao diagnóstico realizado.

Para superar as dificuldades diagnosticadas, deve proceder-se a uma adaptação da planificação, estabelecendo uma progressão que ajude os alunos a consolidar saberes e competências prévios e a adquirir os novos.

Num segundo momento, deve proceder-se à preparação do **Projecto Individual de Leitura**, cujas obras estão sugeridas no **quadro de referências II**. O tempo destinado a esse projecto deve corresponder, como já foi referido, a **um terço** do módulo, sempre em alternância com o restante trabalho das leituras obrigatórias. É neste módulo que se deve ponderar sobre todos os aspectos didáctico-pedagógicos do **Projecto Individual de Leitura**: natureza do projecto, as escolhas do aluno, os elementos que constarão de um *portfolio* e sua organização, as datas a fixar, as formas de avaliar, avaliação intermédia dos trabalhos – em fórum de leitores e/ou relatório – e a avaliação final, os critérios e parâmetros de avaliação, os saberes teóricos exigíveis, as competências de leitura a serem desenvolvidas e as respectivas actividades de leitura, escrita e pesquisa.

O terceiro momento corresponde às leituras obrigatórias no âmbito da poesia e prosa medievais.

Embora estes textos se situem num universo que, temporalmente, se distancia dos alunos de hoje, eles constituem testemunhos reveladores de uma consciência cultural e nacional que se pretende aprofundar, de forma a constituir a base de uma sólida identidade e de uma forte auto-estima.

“A reivindicação da identidade cultural, que é um dos elementos mais característicos do nosso tempo, não é, por conseguinte, um vão e nostálgico apego a um passado superado. Está, desde logo, ligada à tradição, a esse registo em que se inscrevem as experiências acumuladas ao longo da história por uma colectividade. Mas o seu sentido consiste em converter tal passado num fermento para o futuro”.¹

À literatura não cabe a função de veicular a ilustração de eventos históricos, de ideias, de fenómenos sociais nem se pode atribuir-lhe critérios de utilidade, mas antes uma prática de cariz primordialmente estética. A leitura que dela se faz deve ter em conta procedimentos de ordem estético-literária de natureza ficcional, metafórica, simbólica, etc., mensagem transhistórica, e não apenas o decalque das realidades históricas que servem de pano de fundo à sua produção, ainda que Literatura e História dialoguem permanentemente, diálogo esse que se formula através da língua. No espaço do texto convivem o mundo do real representado e o mundo das emoções do sujeito que o observa e representa (Carlos Reis, 1997).

Outro aspecto importante que subjaz à escolha dos textos medievais é o da actividade metaliterária. A criação literária, ainda que tente disseminar a relação que estabelece com o passado, tem como pólo de fixação a própria literatura que a antecede. Veja-se como a poesia camoniana, a de Rodrigues Lobo ou a contemporânea se alimentam de temas da poesia medieval. Tenhamos em conta, também, os cantares paralelísticos primeiramente registados na transmissão oral e depois fixados na escrita, trazidos até nós por Gil Vicente, Jorge de Sena, Eugénio de Andrade e outros.

No que se refere ao estudo dos *Livros de Linhagens* ou *Nobiliários*, são compilações de genealogias de famílias nobres, mas também de outras narrativas, nomeadamente as lendas, algumas delas retomadas posteriormente, como “A Dama Pé de Cabra” que Alexandre Herculano recriou nas *Lendas e Narrativas*, além de ter sido ele a publicar os quatro Livros de Linhagens (*Livro Velho* ou *Primeiro Livro de Linhagens*, *Segundo de Linhagens*, *Terceiro Livro de Linhagens* e *Quarto Livro de Linhagens* ou *Nobiliário do Conde D. Pedro de Barcelos*) em *Portugaliæ Monumenta Histórica, Scriptores...*

Na *Crónica de El-rei D. Pedro* e na *Crónica de El-rei D. João I* de Fernão Lopes, deve ter-se em conta o conceito de História do autor que vem a ser a base da Historiografia moderna, tal como no-la apresenta Alexandre Herculano no séc. XIX. Ao contrário de outros cronistas medievais, Fernão Lopes não fez uma reportagem assente em recordações pessoais ou relatos de testemunhas, mas antes soube submeter todos os documentos e relatos a uma revisão sistemática e “mais chegada à razão”, e deixar-nos o legado de um amplo panorama da sociedade portuguesa dos séc. XIV e XV.

¹ M'Bow, Amadou Mathar (1977). *Correio da Unesco*.

2 | Conteúdos

. **Diagnóstico** (aferição de competências essenciais)

. **Projecto Individual de Leitura**

- momento de selecção das obras
- discussão de estratégias
- definição dos métodos de trabalho
- apresentação dos critérios de avaliação
- calendarização

. **Poesia e Prosa Medievais**

Poesia: lírica e sátira galego-portuguesas

- universo temático
- intervenientes
- pressupostos históricos, sociais e psicológicos
- estilização poética dos contextos
- contaminação do discurso lírico pelos modos narrativo e dramático
- cruzamento de influências (autóctones/provençais)
- símbolos

Prosa: *Livros de linhagens* (excertos)

- razões que levaram a empreender o trabalho de “catar por muitas terras escripturas que fallavam dos linhageens”
- lendas, narrativas históricas, romances de cavalaria, fabulário
- ciclos épicos
- preceitos de ordem política, ética e moral

Fernão Lopes – *Crónica de El-rei D.Pedro* (excertos) e *Crónica de El-rei D.João I* (excertos)
(devem ser trabalhados ciclos de capítulos com coerência narrativa)

. Fernão Lopes, historiador:

- a crítica histórica; considerações político-sociais
- a visão multifacetada
- estudo do prólogo da *Crónica de D. João I* como texto doutrinário (conceito de História)

. Fernão Lopes, escritor:

- a matéria literária das crónicas
- o estilo

3 Situações de aprendizagem/avaliação

A literatura permite um diálogo vivo entre escritor e leitor, por isso todas as situações de aprendizagem têm de ter em conta essa interacção profícua que institui a abordagem do fenómeno literário como uma pedagogia cultural. Carlos Reis e José Victor Adragão (1992) definem literatura como produto de um diálogo anterior a esse – o do escritor com a História e a Sociedade : "Toda a Literatura – mas sobretudo a Literatura de qualidade – resulta de uma **enunciação viva**, do diálogo do escritor com os outros, com a História e com a Sociedade. Sendo assim, a Literatura é, em si mesma, convite a um outro diálogo : o do leitor com a obra e, por seu intermédio, com o tempo histórico e com os valores que mediatamente ela representa. Diálogo em que é fundamental a reivindicação do direito à afirmação pessoal (do escritor e do leitor) e à liberdade de viver a Literatura e a Cultura em função desse direitos".²

Neste módulo, todas as situações de aprendizagem giram em torno do diálogo do leitor/aluno com um universo de referência temporalmente distante do seu. Cabe-lhe pesquisar para o conhecer e procurar o seu reflexo no mundo contemporâneo.

As seguintes actividades podem constituir-se como situações de aprendizagem relevantes :

- Audição de Cd com cantigas de amigo e de amor
- Constituição de uma antologia de cantigas de amigo, de amor, de escárnio e de maldizer
- Descrição de uma peregrinação
- Dramatização de uma situação da vida amorosa das donzelas
- Elaboração de monólogos dramáticos sobre a frustração do encontro amoroso
- Redacção de uma carta ao amigo ausente
- Diálogo entre uma mulher medieval e uma mulher contemporânea
- Redacção de páginas de diário onde um trovador revele a sua "coita de amor"
- Recriação de um cenário de festa no castelo, incluindo a actuação de trovadores e jograis
- Elaboração de uma cantiga de escárnio ou de maldizer tomando como referente o mundo actual
- Redacção de uma crónica que evidencie ser uma sátira social

- Pesquisa de lendas e fábulas cujos temas se relacionem com os estudados nos *Livros de Linhagens*
- Comparação de várias versões de uma mesma lenda
- Apresentação de uma breve narrativa épica sobre um herói da actualidade
- Constituição de uma base de dados sobre a lenda do Rei Artur e os Cavaleiros da Távola Redonda

- Organização do Jornal da Revolução
- Elaboração do roteiro da Lisboa da Revolução
- Apresentação de excertos de conversas de intervenientes no cerco de Lisboa
- Redacção do diário da Revolução na perspectiva de um interveniente
- Elaboração do guião de um filme

²Carlos Reis & José V. Adragão (1992). *Didáctica do Português*. Lisboa: Universidade Aberta

No que respeita ao **Projecto Individual de Leitura** e ao seu modo de implementação e avaliação, consultem-se as páginas 21, 22, 30 e 31.

No conjunto das situações de aprendizagem o professor define os parâmetros a avaliar e os critérios de desempenho. Serão avaliados o processo e o produto, observando sempre a progressão do aluno, cabendo ao professor o papel de criar medidas de regulação interactiva e individualizada, consciencializando o aluno a participar e implicar-se, também ele, na auto e na co-avaliação.

Constitui patamar mínimo de avaliação :

- um teste à compreensão oral ;
- uma actividade de expressão oral como resposta a leituras efectuadas ;
- dois testes de compreensão de leitura ;
- duas actividades de escrita : escrita com o texto e escrita sobre o texto ;
- *portfolio* – instrumento privilegiado de avaliação do **Projecto Individual de Leitura**.

4 | Bibliografia/outros recursos

- AAVV (org. de Helder Godinho) (1992). *A Imagem do Mundo na Idade Média*. Actas do Colóquio Internacional. Lisboa: ICALP.
- Amado, T. (1997). *Fernão Lopes, Contador de História: Sobre a Crónica de D. João I*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Correia, N. (1970). *Cantares dos Trovadores Galego-Portugueses* (selecção e notas). Lisboa: Ed. Estampa.
- Gonçalves, E. e Ramos, A. M. (1985). *A Lírica Galego-Portuguesa* (apresentação crítica, selecção, notas e sugestões para análise literária; critérios de transcrição, nota linguística e glossário). Lisboa: Seara Nova.
- Martins, M. (1969). *Estudos de Cultura Medieval*. Lisboa: Verbo.
- (1969). O tempo e a morte nos Autos Vicentinos. *Introdução à Vidência do Tempo e da Morte*. Braga: Livraria Cruz.
- Mattoso, J. (1993). *História de Portugal* (pp. 473 a 476). Lisboa: Editorial Estampa.
- (1983). *Narrativas dos Livros Velhos de Linhagens* (selecção, introdução e comentários). Lisboa: INCM.
- (1980). *Livros Velhos de Linhagens* (ed. crítica de Joseph Piel e José Mattoso). Coll. Portugaliæ Monumenta Histórica. Lisboa: Academia das Ciências.
- Oliveira, C. e Machado, S. (1963). *Textos Portugueses Medievais*. Braga: Livraria Cruz.
- Osório, J. A. (1986). Cantiga de Escarnho Galego-Portuguesa: Sociologia ou Poética?. *Revista da Faculdade de Letras do Porto, Línguas e Literaturas* (II série, vol. III). Porto: Universidade do Porto.
- Reckert, S. e Macedo, H. (1976). *Do Cancioneiro de Amigo*. Lisboa: Assírio e Alvim.
- Saraiva, A. J. (1966). *História Ilustrada das Grandes Literaturas* (vol. I). Lisboa: Estúdios Cor.
- (1967). *Para a História da Cultura de Portugal* (vol. II). Lisboa: Centro Bibliográfico Europa América.
- (1997). *Fernão Lopes* (4ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- (1998). *O Crepúsculo da Idade Média em Portugal* (5ª ed.). Lisboa: Gradiva.
- Saraiva, A. J. e Lopes, O. (2001). *História da Literatura Portuguesa* (17ª ed., corrigida e actualizada). Porto: Porto Editora.
- Tavares, M. J. P. F. (1983). A Nobreza no reinado de D. Fernando e a sua actuação em 1383-1385. *Revista de História Económica e Social*, 12.

Sítios

www.ipn.pt/literatura

MÓDULO 2

. Classicismo (séc. XVI)

Duração de Referência: **11 semanas**

1 | Caracterização do módulo

Este módulo privilegia os textos clássicos de teatro, prosa e poesia do séc. XVI.

Tal como sugere António José Saraiva, o estudo da obra dramática vicentina deve preceder o das outras personalidades ou correntes renascentistas, não só por razões cronológicas mas, sobretudo, pelo facto dessa obra nos surgir como acabamento das melhores tradições do teatro medieval europeu, cujas características serão evidenciadas na leitura da peça a seleccionar.

No entanto, devemos procurar também no teatro vicentino os elementos ideológicos e estéticos que impulsionaram a criação, entre nós, de uma inovadora atmosfera humanista e renascentista e uma vivacidade que o torna espantosamente moderno.

Luciana S. Picchio, na sua *História do Teatro Português*, salienta a personalidade poética no modo pessoalíssimo como exprime o sentir do país, de uma época e de uma geração, através de uma multidão de personagens, viva, exacta e colorida. Estas personagens dão-nos “uma imagem eficaz da sociedade camponesa e cosmopolita, provinciana e carreirista, que no princípio do séc. XVI se aprestava para defender em Portugal os privilégios de uma civilização em declínio”.

No âmbito dos textos em prosa, devem ler-se excertos de *Menina e Moça* de Bernardim Ribeiro ou de *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto.

O primeiro constitui motivo para verificar mistérios e controvérsias em torno da sua estrutura inacabada e fragmentária, sugerindo a necessidade de uma continuação ou conclusão que o autor nunca teria composto ou que nunca teria sido encontrada.

Constitui, ainda, motivo de interesse por ser um extenso solilóquio, numa voz feminina identificada pela tautologia na frase inicial “Menina e moça me levaram de casa de minha mãe para muito longe”, pelo tom confessional e marcadamente sofrido da narradora e pelas histórias que a Dona conta que passam a constituir a narrativa da Menina. A dimensão confessional e o substracto autobiográfico tendem a exprimir-se, a primeira através de metáforas e o segundo através da sua transposição em personagens colocadas em situações fictícias. Todos estes elementos revelam ser um manual de pesquisa e tratamento de informação ao alcance dos alunos, incitados a seguir linhas de investigação e respostas singulares à leitura da, porventura, mais representativa novela sentimental portuguesa do séc. XVI.

Por seu turno, *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto é uma obra complexa, sobretudo pelo seu carácter pluridiscursivo gerador de grandes potencialidades pedagógico-didácticas na medida em que os alunos tomam contacto com diversificadas formas narrativas: autobiografias, viagens, descrições de regiões exóticas e narração de combates, rapinas, evangelizações, aventuras, andanças e misérias da soldadesca. *Peregrinação* é considerada como uma novela picaresca heterodoxa onde se destacam vários momentos satíricos e humorísticos que podem mais facilmente implicar o aluno na sua leitura.

A lírica camoniana produz um fascínio pela sua riqueza musical e porque nela ecoa uma intensa voz humana que interpela o leitor e o convida a conhecer formas representativas tanto da medida velha como da medida nova incluindo redondilhas, sonetos e uma canção.

Dada a importância do estudo da poesia lírica camoniana, os alunos são convidados a lê-la em duas disciplinas: Português e Literatura Portuguesa. Como é óbvio, convém que os professores das duas disciplinas façam uma gestão adequada do conteúdo para evitar repetições desnecessárias dada a gama de registos tão diversos presentes na obra.

2 | Conteúdos

. **Texto de teatro:** Gil Vicente – *Inês Pereira* **ou** *Lusitânia* **ou** *Dom Duardos*¹

- Gil Vicente, medieval e moderno
- visão crítica da época (tipos sociais), flagrantes da vida real
- a diversidade e a vivacidade da linguagem vicentina
- características específicas da peça a seleccionar

ou

. **Prosa:** Bernardim Ribeiro – *Menina e Moça* (excertos)

- a novela sentimental do Renascimento
- a fidelidade temática ao *dolce stil nuovo*
- a concepção do amor liberto de considerações sociais
- a profundidade e a subtileza da análise psicológica
- a veracidade introspectiva e o realismo dos ambientes

ou

Fernão Mendes Pinto – *Peregrinação* (excertos)

- o hibridismo do discurso : autobiografia, documentário e narrativa histórica, ficção e literatura de viagens
- o herói pícaro
- as funções narrativa, jornalística, didascálica e documental
- o diálogo ocidente/oriente

. **Poesia:** Camões – redondilhas, sonetos, uma canção

- as correntes tradicional e renascentista
- o Amor, como força cósmica que anima todas as formas da Natureza
- o permanente antagonismo entre pólos opostos, cenário de conflitos dolorosos
- a contradição entre a contemplação interior e a realização material, carnal, do impulso amoroso
- o mundo como desconcerto irracional e incompreensível

¹ Tradução de Mário Barradas e Margarida Vieira Mendes (1996). Lisboa: Ed. Cotovia.

3 Situações de aprendizagem/avaliação

As situações de aprendizagem suscitadas pelos textos constantes neste módulo devem ser diversificadas e significativas para o aluno, partindo da sua experiência de leitura.

A criação de um ambiente favorável à discussão e confronto de leituras, à transacção de materiais relevantes para o estudo de determinada obra e à construção colaborativa de interpretações textuais é fundamental para promover um tempo de partilha entre a comunidade de leitores.

As seguintes actividades podem constituir-se como situações de aprendizagem relevantes:

- Galeria de personagens vicentinas
- Redacção de artigos de apreciação crítica sobre a peça estudada
- Cartaz publicitário para anunciar a representação da peça
- Organização e participação em debates suscitados pelas temáticas da peça
- Criação de um jornal vicentino
- Produção de uma peça de teatro onde intervenham personagens seleccionadas em várias peças vicentinas

- Diálogo entre duas personagens utilizando o tom confessional
- Redacção de uma autobiografia
- Associação de textos com imagens e música
- Elaboração de questões a textos

- Redacção de um conto maravilhoso
- Produção de uma narrativa de viagens
- Criação de um livro de memórias
- Redacção de um texto expressivo e criativo sobre um “herói” contemporâneo
- Reconstituição do itinerário de *Peregrinação*
- Organização de uma exposição sobre locais aí nomeados

- Organização de uma antologia de poetas clássicos e renascentistas que influenciaram Camões (Virgílio, Ovídio, Horácio, Dante, Petrarca ...)
- Redacção de um texto expressivo e criativo tendo por base um verso camoniano
- Concurso de poesia
- Evocação de uma despedida
- Recolha de canções com poemas camonianos
- Pesquisa sobre as representações mitológicas do séc. XVI
- Exposição de materiais sobre o ideal de beleza na época de Camões e na actualidade
- Constituição de uma antologia de poemas sobre Camões
- Recolha de retratos de mulher em obras de arte: do séc. XVI à actualidade

No que respeita ao **Projecto Individual de Leitura** e ao seu modo de implementação e avaliação, consultem-se as páginas 21, 22, 30 e 31.

Constitui patamar mínimo de avaliação:

- um teste à compreensão oral;
- uma actividade de expressão oral como resposta a leituras efectuadas;
- dois testes de compreensão de leitura;
- duas actividades de escrita: escrita com o texto e escrita sobre o texto;
- *portfolio* – instrumento privilegiado de avaliação do **Projecto Individual de Leitura**.

4 Bibliografia/Outros Recursos

- AAVV (1992). *Temas Vicentinos: Actas do Colóquio em Torno da Obra de Gil Vicente*. Lisboa: ICALP.
- Aguiar e Silva, V. M. (1994). *Camões: Labirintos e Fascínios*. Lisboa: Livros Cotovia.
- Asensio, E. (1978). *Bernardim Ribeiro y los Problemas de Menina e Moça*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Brites, Teresa B. M. (2000). *Imagens e Discursos do Feminino em "Peregrinação" de Fernão Mendes Pinto*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Buesco, M. L. C (1985). Sobre o Renascimento Português: reflexões e notas. *Ensaio de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença.
- Casteleiro, J. M. (1968). *A Influência da Fiammetta de Boccaccio na Menina e Moça de Bernardim Ribeiro*. Lisboa: Tipografia Editorial Império.
- Castro, A. P. de (1993). *De Montemor-o-Velho às Ilhas do Japão: A Peregrinação de Fernão Mendes Pinto e o Encontro de Culturas*. Coimbra: Comissão de Coordenação da Região Centro.
- (1986). *Uma Edição Crítica de Menina e Moça de Bernardim Ribeiro: Problemas e Soluções*. Paris: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Catz, R. (1981). *Fernão Mendes Pinto: Sátira e Anti-cruzada na Peregrinação*. Lisboa: ICALP
- Costa Ramalho, A. (1992). *Camões no seu Tempo e no Nosso*. Coimbra: Almedina.
- Lopes, O. (1971). O sem sentido em Gil Vicente e reflexão metodológica sobre o 'sem sentido' em Gil Vicente. *Ler e Depois, Crítica e Interpretação Literária 1*. Porto: Inova.
- Matos, V. L. (1980). *Introdução à Poesia de Luís de Camões*. Col. Biblioteca Breve. Lisboa: ICALP.
- Menéres, M. A. (1989). *Peregrinação & Cartas: Fernão Mendes Pinto* (versão para português actual e glossário da autora, comentários de Eduardo Lourenço). Lisboa: Afrodite.
- Meneses, P. de S. (1998). *Menina e Moça de Bernardim Ribeiro: os Mecanismos (dissimulados) da Narração*. Braga e Coimbra: Angelus Novus.
- Moniz, A. (1999). *Para uma Leitura de Peregrinação de Fernão Mendes Pinto* (transcrição e análise de episódios mais significativos). Lisboa: Presença.
- Neves, L. C. (1996). *Transformação e Hibridismo Genéricos na Menina e Moça de Bernardim Ribeiro* (Tese de doutoramento em Literatura Portuguesa). Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Noronha, J. (1997). *Para uma Leitura de Menina e Moça de Bernardim Ribeiro*. Lisboa: Presença.
- Osório, J. A. (1993). *A propos de L'emploi de Grito/gritar dans la Poésie Lyrique de Luís de Camões* (separata des études offertes à Jean-Claude Margolin). Genève: Librairie Droz.
- Picchio, L. S. (1969). *História do Teatro Português*. Lisboa: Portugália Editora.
- Pinto Correia, J. D. (1979). *Autobiografia e Aventura de Viagens: a "Peregrinação" de Fernão Mendes Pinto* (apresentação crítica, selecção, resumos, glossário e sugestões para análise literária). Lisboa: Seara Nova.

Post, H. (1975). *As Obras de Gil Vicente como Elo de Transição entre o Drama Medieval e o Teatro do Renascimento. Arquivos do Centro Cultural Português* (vol. IX). Paris: Fundação Calouste Gulbenkian.

Reckert, S. (1983). *Espírito e Letra de Gil Vicente*. Lisboa: INCM.

Rocha, C. C. (1983). *A Poesia Lírica de Camões: Uma Estética da Sedução*. Coimbra: Centelha.

Saraiva, A. J. S. (1981). *Gil Vicente e o Fim do Teatro Medieval* (3ª ed.). Lisboa: Bertrand.

----- (1961). *Peregrinação e outras Obras* (texto crítico, prefácio, notas e estudo). Col. Sá da Costa. Lisboa: Livraria Sá da Costa.

----- (1961). *Fernão Mendes Pinto ou a Sátira Picaresca da Ideologia Senhorial*. Lisboa: Jornal do Fôro.

Sena, J. de (1981). *Os Sonetos de Camões e o Soneto Quinhentista Peninsular* (2ª ed.). Lisboa: Edições 70.

----- (1984). *Uma Canção de Camões*. Lisboa: Edições 70.

Serôdio, C. (1999). *Práticas de tratamento escolar de Camões lírico. Ensino da Literatura: Reflexões e Propostas a Contracorrente*. Lisboa: Edições Cosmos.

Teyssier, P. (1982). *Gil Vicente, a Obra e o Homem*. Lisboa: ICALP.

Vale, M. T. (1985). *Fernão Mendes Pinto: o Outro Lado do Mito* (selecção, prefácio, notas e glossário da autora). Lisboa: Terra Livre, Direcção Geral da Comunicação Social.

MÓDULO 3

. Do Classicismo ao Pré-Romantismo (séculos XVII e XVIII)

Duração de Referência: **11 semanas**

1 | Caracterização do módulo

Este módulo pretende colocar os alunos em contacto com textos clássicos de diferentes géneros, tal como se manifestaram nos séculos XVII e XVIII, procurando enquadrá-los nos contextos da sua produção sem esquecer, no entanto, os contextos da recepção.

O Padre António Vieira é o nome incontornável da prosa seiscentista sendo, por isso, contemplado nos programas de Português (11.º ano) e de Literatura Portuguesa. A excelência da obra de Vieira resulta, principalmente, da elegância da sua prosa, da sua facilidade de expressão, da clareza do seu discurso, factores que constituirão, do ponto de vista pedagógico-didáctico, uma perspectiva modelar. O *Sermão da Sexagésima*, por seu lado, permite um olhar reflexivo sobre a própria matéria do Sermão, a sua estrutura e finalidade.

O teatro de António José da Silva, o Judeu, permitirá despertar o interesse por este caso singular de dramaturgo que “fazia comédia de bonifrates” e foi executado no auto de fé de Outubro de 1739, em Lisboa. O desaparecimento da moda do teatro musical lançou no esquecimento um dos raros comediógrafos que a Literatura Portuguesa conheceu, tornando-se imperativo voltar a ler o seu teatro como puro pretexto para o riso.

O Neoclassicismo e o Pré-Romantismo conjugam-se em Bocage e fazem dele a referência poética setecentista. Procurar, através da leitura da sua poesia, se Bocage está em consonância com o espírito do séc. XVIII, as semelhanças e diferenças com Camões, seu ídolo poético, os elementos que fazem da sua poesia uma encruzilhada estética, poderá ser o caminho para melhor interiorizar o valor literário da sua obra.

A confiança, o desespero, a reacção ao destino, sendo referências temáticas em Bocage, não deixarão de ser pretexto para o leitor dizer de si, reagindo de forma pessoal à leitura.

2 | Conteúdos

. **Prosa:** Padre António Vieira – *Sermão da Sexagésima* (excertos)

- princípios da oratória clássica
- a alegoria da árvore
- as cinco qualidades do pregador: a pessoa, o estilo, o assunto, a ciência, a voz
- a argumentação, arte de persuadir
- a estética barroca

. **Texto de teatro:** António José da Silva – *Guerras do Alecrim e Mangerona*

- personagens tipificadas do teatro cómico
- estrutura da peça
- os planos da acção – análise: linguagem, gestos, atitudes
- processos de cómico
- influências

ou

. **Poesia:** Bocage – poemas

- aspectos relevantes do universo poético bocagiano
 - . utilização de figuras mitológicas
 - . a natureza
 - . confessionalismo; egotismo; emotividade
 - . o Amor; a Morte; o simbolismo da Noite; a Liberdade
 - . a linguagem

3 Situações de aprendizagem/avaliação

As situações de aprendizagem deste módulo devem perseguir os princípios metodológicos adequados à abordagem dos clássicos dos séc. XVII e XVIII.

Partir da leitura desses clássicos para a reflexão sobre questões concretas do quotidiano do nosso tempo pode ser um caminho profícuo para construir pontes entre tempos tão diversos.

Conhecer, por exemplo, um autor que se empenhou pela eficácia da palavra em persuadir os outros da justiça e da verdade das suas causas, pode contribuir para o desenvolvimento de uma arte da argumentação. Encontrar o problema, procurar os argumentos e os contra-argumentos, dispô-los adequadamente, formular juízos de valor, são etapas a privilegiar pelos alunos para produzir oralmente e por escrito os seus discursos argumentativos.

As seguintes actividades podem constituir-se como situações de aprendizagem relevantes:

Produção oral e escrita de textos argumentativos e expositivo-argumentativos sobre diversas temáticas da actualidade
Organização e participação em debates
Compilação de sermões clássicos
Comparação das características exigidas a um orador com as de um orador actual
Exposição sobre monumentos barrocos
Constituição de uma biobibliografia sobre o Padre António Vieira
Construção de um *sítio* informativo a partir dos dados obtidos

Produção de um *sketch* cómico
Elaboração de um quadro comparativo sobre o cómico em Gil Vicente e o cómico em António José da Silva
Constituição de um dossier subordinado à temática “o riso na Literatura Portuguesa”
Visita ao Museu da marioneta
Recolha de dados sobre a existência de grupos de teatro de marionetas
Audição de óperas famosas
Pesquisa de dados sobre a história da ópera
Leitura de uma peça de teatro de Lope de Vega, escritor que influenciou António José da Silva

Redacção de prosa poética sobre a Noite
Elaboração de um auto-retrato
Produção de “Confissões de um arrependido”
Organização de um programa radiofónico sobre poesia – “A poesia na época clássica”
Leitura de excertos da peça de Luzia Maria Martins, *Bocage, Alma sem Mundo* e do romance de José Jorge Letria, *Já Bocage Não Sou*

No que respeita ao **Projecto Individual de Leitura** e ao seu modo de implementação e avaliação, consultem-se as páginas 21, 22, 30 e 31.

Constitui patamar mínimo de avaliação:

- um teste à compreensão oral;
- uma actividade de expressão oral como resposta a leituras efectuadas;
- dois testes de compreensão de leitura;
- duas actividades de escrita: escrita com o texto e escrita sobre o texto;
- *portfolio* – instrumento privilegiado de avaliação do **Projecto Individual de Leitura**.

4 Bibliografia/Outros Recursos

- Amaral, F. P. (org. e pref.) (2003). *Antologia de Poesia Erótica de Bocage*. Lisboa: Dom Quixote.
- Barata, J. O. (1985). *António José da Silva. Criação e Realidade* (2 vols.) Coimbra: Serviço de Documentação e Publicações da Universidade de Coimbra
- Barahona, M. (1981). *Poesias de Bocage* (2ª ed., apresentação crítica, selecção, notas e sugestões para análise literária da autora). Lisboa: Seara Nova.
- Basselar, J. V. (1981). *António Vieira: O Homem, a Obra, as Ideias*. Col. Biblioteca Breve. Lisboa: ICALP.
- Braga, T. (1871). *História do Teatro Português: a Baixa Comédia e a Ópera (séc. XVIII)*. Porto: Imprensa Portuguesa.
- Castro, A. P. (1997). *António Vieira: Uma Síntese do Barroco Luso-Brasileiro*. Lisboa: CTT de Portugal.
- Coelho, J. P. (1966). *Bocage, Pintor do Invisível*. Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa.
- (1977). *Bocage: A Vocação do Obscuro. A Letra e o Leitor* (2ª ed.). Lisboa: Moraes Editores.
- Dantas, L. (2000). *Bocage no seu Tempo*. Lisboa: Ceres, D.L
- Ferraz, M. L. (1976). Ser e parecer na obra do Judeu. *Brotéria* (vol.102, n.º 5-6).
- Freches, C.-H. (1950). Introduction au Théâtre du Judeu. *Bulletin d'Histoire du Théâtre Portugais* (tomo I). Lisboa.
- (1954). António José da Silva et les marionnettes. *Bulletin d'Histoire du Théâtre Portugais* (tomo V, n.º 2). Lisboa.
- Furter, P. (1964). La structure de l'univers dramatique d'António José da Silva, O Judeu. *Bulletin des Études Portugais*, XXV. Lisboa : Instituto Francês em Portugal.
- Lopes, Ó. (1970). Bocage: fronteiras de um individualismo. *Ler e Depois, Crítica e Interpretação Literária*, 1 (3ª ed.). Porto: Inova.
- Martins, J. C. (1999). *Para uma Leitura da Poesia de Bocage* (1ª ed.). Lisboa: Presença.
- Mendes, M. V. (1982). *Sermões do Padre António Vieira* (apresentação crítica, selecção, notas e sugestões para análise literária da autora). Lisboa: Seara Nova.
- (1989a). Estética e Memória no Padre António Vieira. *Colóquio: Revista de Artes e Letras*, n.º110/111. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- (1989b). *A Oratória Barroca de Vieira*. Lisboa: Caminho.
- Pereira, M. H. R. (1968). *Bocage e o Legado Clássico*. Coimbra: Inst. de Estudos Clássicos.
- (1983). *Notas sobre três Sonetos de Bocage*. Lisboa: Centro de Linguística da Universidade.
- Rebelo, L. F. (1968). *História do Teatro Português*. Lisboa: Europa-América.
- Jabouille, V. e Seabra, A. D. (2000). *Anfitrião ou Júpiter e Alcmene de António José da Silva, O Judeu* (2ª ed., introd., leitura do texto, notas e glossário dos autores). Lisboa: Inquérito.
- Santos, C. A. (1965). *Notas sobre um Soneto Biográfico de Bocage*. Braga: Tip. Cruz e Cª. Lda.
- Saraiva, A. J. e Cruz, M. S.(1992). *História e Utopia: Estudos sobre Vieira*. Lisboa: ICALP.
- (1996). *O Discurso Engenhoso: Ensaios sobre Vieira*. Lisboa: Gradiva.

Revistas

“Vieira” (1997). *Oceanos 30/31*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.

MÓDULO 4

. Romantismo

Duração de Referência: **11 semanas**

1 | Caracterização do módulo

No início deste módulo deve o professor fazer a aferição dos hábitos produtivos de leitura e de escrita desenvolvidos ao longo dos módulos anteriores no Projecto Individual de Leitura. Para que o projecto se revista do papel que o Programa de Literatura lhe confere, é necessário que o professor reitere os seus aspectos didáctico-pedagógicos, bem como a sua avaliação intermédia e final, os critérios e os parâmetros de avaliação, salientando o seu carácter formativo e processual, monitorizando as aprendizagens, levando o aluno a ser cada vez mais consciente dos seus fracassos e dos seus sucessos e perspectivando estratégias de superação.

No que se refere às leituras obrigatórias, foram escolhidos alguns textos de dois escritores do Romantismo Português – Garrett e Herculano.

No âmbito da poesia devem ler-se vários poemas de *Flores sem Fruto* e *Folhas Caídas*, em cujos textos o que parece real não passa da máscara do poeta que é “louco, porque aspira sempre ao impossível”, cuja palavra cria um jogo entre o EU-sujeito e o leitor, a quem é colocado o constante desafio de encontrar o sentido da sua escrita, tropeçando nas aparências, para reconstruir a escrita/a obra/o poeta.

Os textos de teatro são também de Garrett que, tendo assimilado as formas introduzidas pelo Romantismo, encarou os “sensaborões” da época, restaurou o teatro nacional, pois, tal como nos diz na Introdução a *Um Auto de Gil Vicente*, “Nem temos um teatro material, nem um drama, nem um actor.”

Colocaram-se em alternativa *Um Auto de Gil Vicente* e *O Alfageme de Santarém*. No primeiro ressuscita-se Gil Vicente para tentar ressuscitar o teatro, ao celebrar a nossa glória nacional e o nosso antigo esplendor, cuja representação estabelece a meta que separa o teatro antigo de uma nova era teatral. O segundo, baseado na *Crónica de D. João I*, de Fernão Lopes, representa um quadro cataclítico da nossa sociedade, a revolução de 1383-1385, onde nobreza e povo são criticados, metaforizando a direita cartista e a esquerda setembrista do séc. XIX.

O aluno deve ser capaz de fazer uma leitura analítica e crítica da peça escolhida, cujas personagens carecem, por vezes, de dimensão psicológica, mas deve também saber compará-la com *Frei Luís de Sousa* que faz parte dos conteúdos do programa de Português, devendo saber justificar por que razão esta última pode ser considerada a obra-prima do Teatro Português.

Cabe ao aluno ler com o texto e a partir do texto, pesquisando sobre autor e obra, fazendo ressaltar a modernização do vocabulário e da construção da prosa portuguesa que a época clássica petrificara.

Eurico, o Presbítero ou *Lendas e Narrativas*, de Alexandre Herculano, a quem se pode atribuir o papel de introdutor do romance histórico já antes consagrado na Europa por Walter Scott e Victor Hugo, são as obras que completam este módulo. O primeiro como “crónica-poema, lenda ou o que quer que seja”, o segundo uma compilação de contos e novelas, evocam uma Idade Média cavaleiresca, povoada de heróis capazes de grandes paixões por ideais pelos quais lutam, em contraste com o amaneiramento palaciano do classicismo e com o prosaísmo e a vulgaridade dos tempos modernos. E é o gosto pelo medievalismo, pelo exótico, pelas paisagens tristes e solitárias, pelo interesse nacionalista das origens, que faz de Herculano um escritor romântico.

2 | Conteúdos

. **Poesia:** Almeida Garrett – *Flores Sem Fruto e Folhas Caídas*

- aspectos relevantes do universo poético garrettiano
 - . o fenómeno da criação poética – o homem universal como centelha divina
 - . a tradição de uma poesia confessional
 - . o estilo teatral e os processos dramáticos
 - . a estética romântica

. **Texto de teatro:** Almeida Garrett – *Um Auto de Gil Vicente* **ou** *O Alfageme de Santarém*

- identidade nacional – a escolha de temas nacionais ou o nacionalismo romântico
- Garrett, actor e espectador de si mesmo
- a verdade histórica reinventada (mito ou alegoria)
- teatro e pedagogia

ou

. **Prosa:** Alexandre Herculano – *Eurico o Presbítero* **ou** *Lendas e Narrativas*

- a reivindicação das formas híbridas, inclassificáveis, fragmentárias
- a aspiração ao formoso e enérgico viver de outrora
- o herói romântico, marginal, revoltado e solitário
- a entidade individual como representação do colectivo naquilo que tem de digno para ser preservado, conservado, transmitido
- o amor desesperado e a interferência religiosa no sistema do desespero
- a sublimação do amor profano no divino
- História e “estórias” – a transmissão oral
- o maravilhoso e o popular
- aspectos específicos de cada uma das narrativas

3 | Situações de aprendizagem/avaliação

As situações de aprendizagem serão suscitadas pelos textos a ler neste módulo, devendo o professor partir da experiência de leitura do aluno, perseguindo os princípios metodológicos adequados à abordagem dos românticos, especialmente da poesia e do teatro de Garrett e da narrativa de Herculano.

As actividades interpretativas *a solo* devem acontecer habitualmente, de forma a desenvolverem no aluno a sua confiança como leitor, mas a sala de aula deve tornar-se no espaço privilegiado para a consulta e troca de materiais entre os alunos, bem como para a discussão e confronto de opiniões que decorrem da leitura analítica e crítica dos textos, o que permite construir múltiplas interpretações partilhadas pela comunidade de leitores.

O aluno deve ainda pesquisar sobre as circunstâncias de produção e recepção no tempo da publicação dos textos mas deve, igualmente, pesquisar para os conhecer e procurar o seu reflexo no contexto cultural dos leitores actuais.

Da leitura literária, decorrerá o desenvolvimento da competência de escrita, bem como de todas as outras competências, podendo as seguintes actividades constituir-se como situações de aprendizagem relevantes :

- Pesquisa de dados sobre o contexto sociocultural do séc. XIX
- Produção de um texto em prosa poética sobre o Amor
- Antologia de poesia cuja temática seja o amor, de Garrett aos nossos dias
- Pesquisa sobre o *Romanceiro* de Garrett
- Compilação de alguns romances em verso, lendas em prosa, fábulas e crenças velhas, as costumeiras e as superstições antigas do *Romanceiro*
- Constituição de uma biobibliografia sobre Almeida Garrett
- Construção de um *sítio* informativo a partir dos dados obtidos

- Pesquisa de textos doutrinários de Garrett sobre teatro
- Recolha de dados históricos sobre as personagens Gil Vicente e Bernardim Ribeiro **ou** D. Nuno Álvares Pereira, O Condestável
- Dramatização de uma cena da peça, adaptada aos dias de hoje
- Visita ao Museu Romântico do Porto ou a Sintra romântica
- Recolha de informação sobre a existência de grupos de teatro anteriores a Garrett e locais de representação
- Audição de música romântica: Paganini, Liszt, Berlioz, Chopin, Brahms, Mendelsson, Schubert, Schumann
- Pesquisa sobre o percurso literário de Garrett

- Produção oral e escrita de textos descritivos sobre paisagens românticas
- Elaboração de um mapa/roteiro dos locais assinalados em *Eurico, O Presbítero*
- Visita de estudo às Astúrias
- Audição de música romântica: Wagner, Beethoven, Chopin
- Pesquisa sobre pintores românticos
- Organização de um programa radiofónico sobre “Os heróis de hoje”
- Constituição de uma biobibliografia sobre Alexandre Herculano
- Construção de um *sítio* informativo a partir dos dados obtidos

No que respeita ao **Projecto Individual de Leitura** e ao seu modo de implementação e avaliação, consultem-se as páginas 21, 22, 30 e 31.

Constitui patamar mínimo de avaliação:

- um teste à compreensão oral;
- uma actividade de expressão oral como resposta a leituras efectuadas;
- dois testes de compreensão de leitura;
- duas actividades de escrita: escrita com o texto e escrita sobre o texto;
- *portfolio* – instrumento privilegiado de avaliação do **Projecto Individual de Leitura**.

4 | Bibliografia/Outros Recursos

- AAVV (1992). O Teatro e a Interpelação do Real. *Actas do 11º Congresso da Associação Internacional de Críticos de Teatro*. Lisboa: Edições Colibri.
- Almeida, T. (1997). Géneros literários. *Dicionário do Romantismo Literário Português* (coord. Helena C. Buesco). Lisboa: Caminho.
- Beirante, C. (1991). *Alexandre Herculano. As Faces do Poliedro*. Lisboa: Vega.
- Buesco, H. C. (1995). Heróis, romances e Histórias: a propósito do Presbítero Eurico. *A Lua, a Literatura e o Mundo*. Lisboa: Cosmos.
- Buesco, H. C. (1997). Construções literárias da identidade nacional no Romantismo. *Literaturas, Artes e Identidade Nacional - Actas dos 3.ºs Cursos Internacionais de Verão de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal.
- Esslin, M. (1979). *Anatomie de l'Art Dramatique*. Paris: Buchet-Chastel.
- Ferreira, A. (1979). *Perspectiva do Romantismo Português* (2.ª ed.). Lisboa: Moraes Editores.
- Ferreira, S. (1999). Almeida Garrett nos 200 Anos do seu Nascimento. *Jornal A Página da Educação*, n.º 83. Porto: Ed. Campo das Letras.
- França, J. A. (1993). *A Arte em Portugal no séc. XIX* (2 vols.). Lisboa: Bertrand.
- Garrett, A. (1838). "Introdução" a *Um Auto de Gil Vicente*.
- Gérard, G. e Ouellet, R. (1980). *O Universo do Teatro*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Herculano, A. (1844). "Prólogo" de *Eurico o Presbítero*.
- (1992). *Lendas e Narrativas* (2 vols., prefácio e revisão de Vitorino Nemésio). Lisboa: Bertrand.
- (1994). *Eurico o Presbítero* (Introdução de Carlos Reis). Lisboa: Ulisseia.
- Kowzan, T. (1993). *Sémiologie du Théâtre*. Tours : Editions Nathan.
- Machado, A.M. (1979). *As Origens do Romantismo em Portugal*. Lisboa: ICALP.
- Marinho, M.F. (1999). *O Romance Histórico em Portugal*. Porto: Campo das Letras.
- Mourão-Ferreira, D. (1988). Para um retrato de Garrett. A poesia confidencial das *Folhas Caídas. Hospital das Letras* (2.ª ed.). Lisboa: INCM.
- Mourão, P. (1988). *Flores sem Fruto e Folhas Caídas de Almeida Garrett* (5ª ed., apresentação crítica, selecção, notas e sugestões para análise literária da autora). Lisboa: Comunicação.
- Nemésio, V. (s/d). Eurico: história de um livro, introdução a A. Herculano, *Eurico o Presbítero* (41.ª ed.). Lisboa: Bertrand.
- Osório Mateus, J. A. (1977). *Escrita de Teatro*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- Pavis, P. (1987). *Dictionnaire du Théâtre*. Paris: Messidor/Ed.Sociales.
- Pimentel, F. J. V. (1989). Garrett e o fingimento romântico. *Racional e Comovido. Temas de Literatura*. Ponta Delgada: Signo.
- Rebello, L.F. (1971). *O Jogo dos Homens*. Lisboa: Edições Ática.
- (1991). *História do Teatro Português*. Lisboa: INCM.
- Reis, C. (1997). *O Conhecimento da Literatura*. Coimbra: Almedina.
- Reis, C. e Pires, M. N. (1999). Romantismo. *História Crítica da Literatura Portuguesa* (vol. V). Lisboa/S. Paulo: Editorial Verbo.
- Roubine, J-J. (1998). *Introduction aux Grandes Théories du Théâtre*. Paris: Dunot.

Saraiva, A.J. (1972). Almeida Garrett: **1.** A evolução do teatro de Garrett – os temas e as formas; **2.** A expressão lírica do amor nas *Folhas Caídas*; **3.** Garrett e o Romantismo. *Para a História da Cultura em Portugal* (3.ª ed.). Lisboa: Publicações Europa-América.

Ubersfeld, A. (1982). *Lire le Théâtre*. Paris: Ed.Sociales.

----- (1996). *Les Termes Clés de l'Analyse du Théâtre*. Paris: Ed. du Seuil.

Vigeant, L. (1989). *La Lecture du Spectacle Théâtral*. Leval. ED. Mondia.

Sítios :

http://www.ippar.pt/monumentos_pena.html (consultado em 8/12/2004)

<http://www.instituto-camoes.pt/escritores/garrett> (consultado em 8/12/2004)

<http://www.historiadaarte.com.br/musica.html> (consultado em 8/12/2004)

<http://www.geocities.yahoo.com.br/mcrosst07/romantismo.htm> (consultado em 8/12/2004)

<http://www.nosachamos.musica/hist6.htm> (consultado em 8/12/2004)

MÓDULO 5

. Do Romantismo ao Simbolismo

Duração de Referência: **11 semanas**

1 | Caracterização do módulo

Este módulo inicia-se com o estudo obrigatório de quatro poetas dos finais do século XIX – Antero de Quental, Cesário Verde, António Nobre e Camilo Pessanha - abordando-se, depois, as narrativas camiliana e queirosiana.

Diz-se que o “Pós-romantismo de Antero não tem nada a ver com a manifestação tardia da sensibilidade romântica em termos cronológicos,” mas é, talvez “o grande romântico da poesia portuguesa” que depurou “os elementos programáticos do primeiro romantismo e aprofundou as grandes inquietações oitocentistas – indivíduo / sociedade, homem / natureza, mundano / divino, dimensão humana / dimensão cósmica, desembocando nos anseios gratos ao simbolismo (...): evasão, viagem, absoluto (...)”.¹ A sua preocupação não foi, propriamente a da natureza estética, mas antes a missão da poesia, onde a sua voz íntima de poeta só pode usar de sinceridade como reflexo da Verdade, convicção mais moral que intelectual. As vozes são as da Natureza, da Morte, de Deus ou mesmo a do eu que se desdobra e deixa falar uma outra voz. Mas há que distinguir o poeta das *Odes Modernas* e o dos *Sonetos*. Enquanto das primeiras emerge um eu situado num espaço e num tempo e um nós, que pode ser uma geração, a geração de 70, nos *Sonetos* a voz volta-se para o abismo interior, tornando-se, muitas vezes, na transcrição poética de um sonho. Por outro lado, nas *Odes* existe uma verticalidade reiterada pelo verbo erguer-se, enquanto os *Sonetos* deixam ler uma errância à superfície da terra e das coisas só superada no soneto “A um poeta” cuja epígrafe é *Surge et ambula* (D-H. Pageaux: 1993).

Consta também Cesário como precursor do lirismo moderno português que, não se confundindo com a escola parnasiana, cria “uma poesia nova”, uma fusão do realismo com o mais fundo subjectivismo. Ultrapassa o antigo e anuncia já a poesia do futuro e com ele “se fundou entre nós a poesia objectiva”, visto também como um precursor inconsciente do sensacionismo, (Fernando Pessoa). Os textos de Cesário Verde fixam-se numa observação do real, tentando fugir a labirintos introspectivos, para se afirmarem como testemunho de uma experiência concreta: “A mim o que me

¹ Maria Alzira Seixo (1993). Antero e a poesia de ideias. *Congresso Anteriano Internacional. Actas*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.

rodeia é o que me preocupa”. Capta o mundo através de todos os sentidos, mas vai reproduzi-lo transformando imagens em palavras de que ressalta a sua “visão de artista”.

Conhecedor da cidade que encara como local de profanação e miséria escondida, e do campo como local da inocência e das pulsões vitais, neles realiza a deambulação, para transmitir ao leitor um discurso de saber. Nasce, assim, a poesia como se de uma reportagem se tratasse, chegando até nós com traços mais impressionistas que realistas, modelo que magistralmente soube ultrapassar, superando também a óptica naturalista para nos apresentar uma realidade transfigurada e expressionista.

Poeta da cidade, nela insere as pulsões de vida “de horta aglomerada” que uma “rapariga” transporta numa “giga”, em “Bairro Moderno”. Aí chegado “com as tonturas de uma apoplexia”, recebe “naquela despedida, /As forças, a alegria, a plenitude, / Que brotam dum excesso de virtude/ Ou duma digestão desconhecida.” que deixam, também, ler a adesão à alma popular.

Contudo, através da memória afectiva, a deambulação não se circunscreve aos espaços, mas também ao tempo. Por isso evoca “então as crónicas navais:/ Mouros, baixéis, heróis, tudo ressuscitado!”, vincando traços, intensificando-os, avivando as cores, fazendo reaparecer as sensações nítidas e perfeitas.

No que se refere à imagética feminina, a mulher flutua entre o ser frágil e delicado, doente e triste, e a mulher fatal que tem o poder de atracção erótica e provoca um enorme fascínio, como é o caso de “Esplêndida”, “Deslumbramentos” e “Humilhações”.

Da encruzilhada do fim-de-século, que representa para o campo literário um período de substancial renovação e comporta uma amálgama de escritos e escritores, salientamos António Nobre com *Só*, *Despedidas* e *Primeiros Versos* e Camilo Pessanha com *Clepsidra*.

Sobre *Só* de Nobre tem sido “gradativamente esclarecido e ilustrado como na referida confissão coloquial de um narcisismo pessimista se subsumem egotismo e partilha emocional, sentimentalidade cúmplice e acicate alusivo, familiaridade expressiva e disfarce discursivo, decadência e escapismo, candura patente e clandestina ironia, terna infantilização e calculada majestade, predestinação astral e sorte desastrosa, graça e martírio, forçada solidão e corte principesca, desenraizamento e tradicionalismo, saudade e prognose, agonia e diversão pitoresca, ostentação de nostalgia e infiltração de modernidade(s), enfim crise decadentista e evasão neo-romântica, destino pessoal e destino de geração, de classe, de época, de nação.”²

Eis, pois, o que conflui no mesmo espaço dialéctico: aspectos decadentistas, em que a grandeza contrasta com a decadência, ou seja o país das maravilhas, dos encantos e das belezas contrasta com o país das misérias, das chagas e das pobreza; aspectos neo-românticos, onde prima a poética do sentimento e do nacional, do tradicional e do pitoresco, do castiço e do popular; aspectos de modernidade, como sejam “o carácter de ficcionalização dramática (...) encastoando na oralidade coloquial do sujeito poético vozes alheias, passos de heterocoloquialidades.”³

² J. C. S.Pereira (1995). Introdução a António Nobre e o mito lusitanista. *História Crítica da Literatura Portuguesa* (vol.VII) Lisboa/S.Paulo: Editorial Verbo.

³ Ibidem

Com a leitura de Pessanha, as antíteses da consciência à inconsciência, do eu ao tu, do eu a isto lembram-nos Pessoa de quem é precursor. É lendo Pessoa que nos apercebemos como este é introdutor *ex post* à poesia do mestre.

Poesia e música, sons sufocados e “festões de som” conduzem-nos a uma vertigem encantatória de ambiguidade e alusão em que o Tudo não passa da inessencialidade do real.

Clepsidra comporta em si a ânsia de luz, do Absoluto que o abandonou mas que o eu procura, e a água e o tempo que são elementos percíveis porque passageiros e evanescentes, sonho e miragem.

Para terminar, temos a análise das narrativas que encerram o módulo – a de Camilo e a de Eça.

A escolha de uma das narrativas de Camilo nunca poderá dar-nos uma visão total e conclusiva da obra camiliana pois a sua análise evidencia uma “dimensão polifónica, onde várias «vozes» se cruzam. As influências literárias, a evolução de estilo, a concepção de novela e o relativismo da presença da verdade na ficção, as relações entre as instâncias narrativas, a crítica a um romantismo que ele próprio por vezes professa, a assimilação/recusa do realismo face ao romantismo, a reflexão sobre o papel do romance na sociedade, a combinação de focalizações e o uso constante da ironia, a dialéctica entre o problema existencial do fatalismo e do livre-arbítrio relacionado com a vivência do pecado, da culpa e do remorso – são vectores que percorrem toda a obra de Camilo de forma controversa.”⁴

No que se refere a Eça e uma vez que também as obras se apresentam em alternativa, a leitura analítica e crítica de um dos romances seleccionados, deverá sempre ter em conta a obra lida no Programa de Português e deve depender de critérios pedagógicos bem definidos. Qualquer que seja o romance seleccionado, deve dar-se destaque à renovação do nível da língua portuguesa operada pelo romancista e ainda a tudo o que, na sua escrita, caracteriza o seu tempo mas permanece incrivelmente actual: personagens-tipo e situações caricaturais. Tendo em conta que “os grandes temas do fim do séc. XIX são também os do nosso fim de século”⁵, o potencial pedagógico da narrativa queirosiana é enorme, no sentido da questionação permanente dos diversos aspectos da nossa evolução e da nossa história.

⁴ Carlos Reis e Maria da Natividade Pires, (1999). Introdução a Camilo Castelo Branco e o Romantismo Português. *História Crítica da Literatura Portuguesa* (vol. V) Lisboa/S. Paulo: Editorial Verbo.

⁵ Carlos Reis. *Expresso* (2000, 12 de Agosto).

2 | Conteúdos

. **Poesia:** Antologia dos seguintes autores:

Antero de Quental – *Odes Modernas e Sonetos*

- aspectos relevantes do universo poético de Antero de Quental
 - . a apóstrofe como ressonância bíblica nas *Odes*
 - . o eu e o nós nas *Odes*
 - . a missão revolucionária da poesia
 - . a superação e a busca do ideal
 - . o poeta de ideias e da Ideia
 - . o estado de beatitude do Nirvana budista
 - . o amor da Morte e da Noite

Cesário Verde – *O Livro de Cesário Verde*

- aspectos relevantes do universo poético de Cesário Verde
 - . o campo/ a cidade
 - . a imagética feminina
 - . espaço, tempo e memória – a evocação do passado
 - . a transfiguração do real
 - . a questão social
 - . realismo, parnasianismo, impressionismo

António Nobre – *Só, Despedidas e Primeiros Versos*

- aspectos relevantes do universo poético de António Nobre
 - . o mito do eu – a infância, o passado, a paisagem
 - . os vectores de modernidade no *Só*: o carácter de ficcionalização dramática onde a oralidade coloquial do sujeito poético assume passos de heterocoloquialidades
 - . a fruição decadentista do macabro e do mórbido e o lusitanismo de feição neogarrettiana quando evoca o país natal
 - . a estratégia galvanizante da poesia lusíada: a primazia do sentimento e do nacional, do tradicional e do pitoresco, do castiço e do popular, da Natureza e do provincianismo
 - . o contraste de grandeza e decadência – diagnose da condição portuguesa e da condição humana finissecular ou épica deceptiva

Camilo Pessanha – *Clepsidra*

- aspectos relevantes da poesia simbolista de Camilo Pessanha
 - . a vertigem encantatória da poesia da ambiguidade, da alusão, da imagem alegórica
 - . a poesia e a música
 - . o Tudo como imagem, sonho transitório, miragem, evanescência ou a inessencialidade do real
 - . a angústia do Tempo de um sujeito votado ao abandono por um *Deus otiosus*
 - . as metáforas cósmicas em *Clepsidra*: a água (o percível) e a luz (O Absoluto)
 - . a associação de imagens e de ideias
 - . a imagística do desengano, cepticismo, fatalismo, atitude derrotista
 - . o precursor de Pessoa – as antíteses da consciência à inconsciência, do eu ao tu, do eu a isto

. **Prosa:** Camilo Castelo Branco – *A Queda de um Anjo* **ou** *Amor de Perdição*
ou *Novelas do Minho*

- . o Portugal velho – o ambiente provinciano, rústico e simples/ os atractivos da civilização
- . a dimensão polifónica – cruzamento de várias vozes
- . o relativismo da presença da verdade na ficção
- . romantismo e realismo – assimilação ou recusa
- . o papel do romance na sociedade
- . crime, remorso e expiação – redenção pelo sofrimento
- . o problema existencial do fatalismo e do livre-arbítrio
- . novela/romance de costumes
- . a linguagem camiliana
- . características específicas de cada narrativa

ou

Eça de Queirós – *A Ilustre Casa de Ramires* **ou** *O Primo Basílio*
ou *A Relíquia* **ou** *Os Maias*

- . o provincianismo retardatário da vida portuguesa dos finais do séc. XIX
- . personagens-tipo e situações caricaturais
- . o efeito grotesco gerado pelo jogo entre o corriqueiramente acontecível e a catástrofe absurda e fatal que persegue as personagens
- . o realismo e o naturalismo
- . a ironia como veículo da estética realista
- . língua e estilo de Eça
- . os símbolos
- . características específicas de cada narrativa

3 | Situações de aprendizagem/avaliação

As situações de aprendizagem devem ter em conta os vários textos a ler neste módulo e, apesar dos autores se situarem no final do séc. XIX, todos se apresentam diversos nas suas características e influências, devendo o professor mobilizar os saberes dos alunos para a análise de cada um *per si*, mas conduzindo a leitura para as características que os afastam e/ou aproximam.

Deve privilegiar-se a actividade do aluno que, a sós com os textos, encontra o(s) sentido(s) neles implícito(s), para depois partilhar informações e conclusões com os seus pares, devendo o professor regular as múltiplas e possíveis interpretações que surgem ao longo da leitura analítica requerida pelos textos e pelos autores.

Neste momento da aprendizagem, espera-se que o aluno tenha adquirido hábitos de pesquisa e selecção de informação para, autonomamente, mobilizar as estratégias conducentes ao entendimento dos textos como os de Antero, Cesário, António Nobre, Camilo Pessanha, Camilo e Eça aproximando e contrapondo os seus escritos e as correntes literárias que os enformam.

Deve, igualmente, procurar o reflexo das obras analisadas no contexto cultural da realidade dos leitores de hoje.

O aluno deve saber ler com o texto e a partir do texto, desenvolvendo todas as competências essenciais, podendo as seguintes actividades constituir-se como situações de aprendizagem relevantes:

- Pesquisa de dados sobre o contexto sociocultural dos finais do séc. XIX
 - Produção de um texto expositivo-argumentativo sobre as características fim-de-século
 - Pesquisa de outros poetas desta época
 - Constituição de uma biobibliografia do poeta de que mais gostou
 - Construção de um *sítio* informativo a partir dos dados obtidos
 - Audição de música da época: Gustav Mahler, Richard Strauss, Aleksander Scriabin
 - Pesquisa de textos doutrinários de Antero
 - Recolha de alguns poemas de Cesário, estabelecendo uma relação com algumas pinturas impressionistas de europeias
 - Exposição desse trabalho aberta a toda a comunidade educativa (música de Claude Debussy e Maurice Ravel)
 - Pesquisa de pregões desta época
-
- Produção oral e escrita de textos descritivos sobre paisagens românticas e realistas
 - Pesquisa sobre a influência de Zola em Camilo e Eça
 - Visita de estudo a Lisboa de Eça e Cesário
 - Pesquisa sobre pintores e escultores realistas e naturalistas europeus
 - Investigação sobre o papel da mulher nos finais do século XIX
 - Visita virtual a alguns museus mundiais
 - Constituição de uma biobibliografia sobre Camilo ou Eça
 - Construção de um *sítio* informativo a partir dos dados obtidos
 - Exposição de fotografias de espaços públicos da época
 - Constituição de um dossier que evidencie as características dos finais dos séculos XIX e XX

No que respeita ao **Projecto Individual de Leitura** e ao seu modo de implementação e avaliação, consultem-se as páginas 21, 22, 30 e 31.

Constitui patamar mínimo de avaliação:

- um teste à compreensão oral;
- uma actividade de expressão oral como resposta a leituras efectuadas;
- dois testes de compreensão de leitura;
- duas actividades de escrita: escrita com o texto e escrita sobre o texto;
- *portfolio* – instrumento privilegiado de avaliação do **Projecto Individual de Leitura**.

4 Bibliografia/Outros Recursos

- AAVV (1994). *Actas do Congresso Internacional de Estudos Camilianos*. Coimbra: Comissão Nacional das Comemorações Camilianas.
- Amaral, F. P. do (2004). Prefácio. *Poesia de Cesário Verde*. Lisboa: Texto Editora.
- Barata, J. de O. (1990). Teatralidade, retórica e eficácia cénica: a propósito de uma adaptação dramática d' *Os Maias* (coord. Carlos Reis). *Leitura d' Os Maias. Semana de Estudos Queirosianos. Primeiro Centenário de Publicação d' Os Maias (1888-1988)*. Coimbra: Minerva.
- Bizarro, R. P. (1991). *La Faute de Zola et le Crime d'Eça – lecture d'une quête*. *Actas do Segundo Congresso Internacional de Lusitanistas*. Coimbra.
- Buescu, H. C. (2001). Diferença do campo, diferença da cidade: Cesário Verde e António Nobre. *Chiaroscuro-Modernidade e Literatura*. Porto: Campo das Letras.
- Cabral, A. (1989). *Dicionário de Camilo Castelo Branco*. Lisboa: Caminho.
- Carter, J. E. (1989). *Cadências Tristes – O Universo Humano na Obra Poética de Cesário Verde*. Lisboa: INCN.
- Castro, A. P. de (1987). Da realidade à ficção na novela camiliana. *Tellus. Revista de Cultura*, 17, Julho.
- (1991). Para uma teoria camiliana da ficção narrativa. *Arquivos do Centro Cultural Português, XXIX*. Lisboa-Paris: Fundação Calouste Gulbenkian.
- (1995). *Narrador, Tempo e Leitor na Novela Camiliana (2.ª ed., revista)*. Vila Nova de Famalicão: Câmara Municipal de Vila Nova de Famalicão.
- Cláudio, M. (2000). Prefácio. *Poesia Completa de António Nobre (1867-1900)*. Lisboa: Dom Quixote.
- Coelho, J. do P. (1976). Para a compreensão d' *Os Maias* como um todo orgânico. Eça, Escritor Ambíguo?. *Ao Contrário de Penélope*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- Coelho, M.T.P. (1991). 1890 e o fim-de-século na literatura portuguesa. O símbolo da torre no *Só* e em *A ilustre Casa de Ramires*. *Actas do Segundo Congresso Internacional de Lusitanistas*. Coimbra.
- Dacosta, L. (1959). A presença de Garrett no *Só* de António Nobre. *Notas de Crítica Literária*. Porto: Divulgação.
- Fernandes, M. da P. C. (1991). Camilo Pessanha, poeta órfico: da ['Inscrição'], da escrita, da «Clepsidra» e da «Orpheu». *Diacrítica*, n.º 6.
- Ferraz, M. de L. (1991). Eça de Queirós: romantismo e ironia realista. *Actas do Segundo Congresso Internacional de Lusitanistas*. Coimbra.
- (1991). O realismo romântico de Camilo. *Arquivos do Centro Cultural Português, XXIX*. Lisboa-Paris: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Ferreira, V. (1990). Breve nota sobre o *Só*. *Espaço do Invisível I (3ª ed.)*. Lisboa: Bertrand.
- Gomes, A.C. (1977). *A Metáfora Cósmica em Camilo Pessanha*. S. Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas.
- Guerra da Cal, E. (1981). *Língua e Estilo de Eça de Queirós (4ª ed.)*. Coimbra: Almedina.
- Guimarães, F. (1992). Camilo Pessanha e os caminhos de transformação da poesia portuguesa. *Simbolismo, Modernismo e Vanguardas (2ª ed.)*. Porto: Lello & Irmão.
- Lemos, E. de (1981). *A Clepsidra de Camilo Pessanha (2.ª ed.)*. Lisboa: Ed. Verbo.

- Lepecki, M. L. (1984). *Eça de Queirós, le portrait de l'agonie d'une époque. Europe 660*. Paris: Éditions Français Réunis.
- Lima, I. P. (1987). *As Máscaras do Desengano. Para uma Abordagem Sociológica de Os Maias de Eça de Queirós*. Lisboa: Caminho.
- Lopes, O. (1990). Efeitos da polifonia vocal n' *O Primo Basílio. Cifras do Tempo*. Lisboa: Caminho.
- (1984). *O Mandarim, A Relíquia, Os Maias. Álbum de Família. Ensaios sobre Autores Portugueses do Século XIX*. Lisboa: Caminho.
- Lopes, T. R. (1984). Pessoa e Pessanha: o sucedentismo e o interseccionismo na teoria e na prática, *Poéticas do Século XX* (org. de Maria Alzira Seixo). Lisboa: Livros Horizonte.
- Macedo, H. (1986). *Nós – uma Leitura de Cesário Verde*. Lisboa: Plátano.
- Marques, A. (1999). *Cesário Verde – Obra Poética e Epistolografia*. Porto: Lello & Irmão.
- Machado, A.M. (1984). *O Francesismo na Literatura Portuguesa*. Lisboa: ICALP.
- Matos, A. C. (1987). *Imagens do Portugal Queirosiano* (2ª ed.). Lisboa: INCM.
- (1993). *Dicionário de Eça de Queiroz* (2ª ed.). Lisboa: Caminho.
- Medina, J. (1974). Gonçalo Mendes Ramires, personagem hamletico. *Eça Político*. Lisboa: Seara Nova.
- Mendes, M. V. (1979). *Poesias de Cesário Verde* (apresentação crítica e selecção). Lisboa: Seara Nova.
- Moniz, E. (1993). *As Mulheres Proibidas. O Incesto em Eça de Queirós*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio.
- Monteiro, M. O. (1990). A poética do grotesco e a coesão estrutural de *Os Maias*. *Leituras d' Os Maias. Semana de Estudos Queirosianos. Primeiro Centenário de Publicação d' Os Maias*. Coimbra: Minerva.
- Queirós, E. (s/d). A Decadência do Riso. *Notas Contemporâneas. Obras*. Porto: Lello & Irmão.
- (s/d). Positivismo e idealismo. *Obras*. Porto: Lello & Irmão.
- Morão, P. (1991). *O Só de António Nobre. Uma Leitura do Nome*. Lisboa: Caminho.
- Pageaux, D-H. (1993). Antero de Quental ou o Poeta-Voz. *Actas do Congresso Anteriano Internacional*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- Pereira, J. C. S. (1995). António Nobre e o mito lusitanista. *História Crítica da Literatura Portuguesa* (vol. VII). Lisboa/S. Paulo: Editorial Verbo.
- Reis, C. (1983). *Introdução à Leitura d' Os Maias*. Coimbra: Almedina.
- (1991). Um «bardo» dos tempos novos: a imagem queirosiana de Antero. *Actas do Congresso Anteriano Internacional*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- (1991). Camilo e Eça, polémica a haver. *Actas de las Jornadas Internacionales sobre Camilo*. Salamanca: Universidade de Salamanca.
- Reis, C. & Pires, M. da N. (1999). *História Crítica da Literatura Portuguesa* (vol. V). Lisboa/S. Paulo: Editorial Verbo.
- Ribeiro, M. A. (1994). *História Crítica da Literatura Portuguesa* (vol. VI). Lisboa/S. Paulo: Editorial Verbo.
- Rosa, A. M. da (1979). *Eça – Discípulo de Machado?* (2ª ed., revista). Biblioteca de Textos Universitários. Lisboa/S. Paulo: Editorial Presença/Martins Fontes.

- Rubim, G. (1993). *Experiência da Alucinação*. Lisboa: Caminho.
- Sacramento, M. (1945). *Eça de Queirós – Uma Estética da Ironia*. Coimbra: Coimbra Editora.
- Seabra, J.A. (1994). *Poligrafias Poéticas*. Porto: Lello & Irmão.
- Seixo, M.A. (1993) Antero e a poesia de ideias. *Congresso Anteriano Internacional. Actas*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores.
- (1986). Ler Camilo Hoje. *Tellus. Revista de Cultura*, 15, Julho.
- Silva, M. R. da (1996). Desejo e culpa em *Amor de Perdição* de Camilo Castelo Branco. *Letras de Hoje*, n.º 103.
- Simões, J.G. (1984). *António Nobre, Precursor da Poesia Moderna* (3ª ed.). Lisboa: Ed. Inquérito.
- Spaggiari, B. (1982). *O Simbolismo na Obra de Camilo Pessanha*. Lisboa: ICALP.
- Torres, A. P. (2003). *A Paleta de Cesário*. Lisboa: Caminho.

Sítios:

<http://www.feg.pt> – consultado em 12/11/04

www.instituto-camoes.pt/escritores/eca.htm. – consultado em 12/11/04

http://www.citi.pt/cultura/artes_plasticas/caricatura/antonio/index.html, (consultado em 12/11/04)

<http://caricaturas.no.sapo.pt> (consultado em 12/11/04)

<http://www.museudoteatro-ipmuseus.pt> (consultado em 12/11/04)

http://www.fmsoares.pt/casa_museu_isoares/02_exposicao_caricaturas.asp (consultado em 12/11/04)

<http://www.publico.pt/vasco/> (caricaturas de escritores e pintores) (consultado em 12/11/04)

<http://www.instituto-camoes.pt/cvc/bvc/revistaicalp/rdpinheiro.pdf> (consultado em 12/11/04)

Jornais e Revistas:

Colóquio/Letras n.º 93 (1986, Setembro). Lisboa. (número dedicado a Cesário Verde)

Prelo, n.º 12 (1986, Julho/Setembro). Lisboa: BNL. (número dedicado a Cesário Verde)

Cadernos de Literatura, n.º 24 (1986, Outubro). Coimbra. (sobre Cesário Verde)

Colóquio/Letras, n.º 119 (1991). Lisboa. (número dedicado a Camilo Castelo Branco)

Jornal de Letras, Artes e Ideias (1992). António Nobre e o moderno discurso poético português, de Gastão Cruz.

Colóquio/Letras n.ºs 127/128 (1993). Lisboa. (número dedicado a António Nobre)

Visão (2000, 1 de Junho, e 10 de Agosto). (sobre Eça)

Expresso (2000, 12 de Agosto). (sobre Eça)

Diário de Notícias (2003, 19 de Junho). (sobre Cesário Verde)

MÓDULO 6

. De Orpheu à Contemporaneidade

Duração de Referência: **11 semanas**

1 | Caracterização do módulo

O módulo final põe em evidência alguns dos escritores mais representativos das estéticas do séc. XX, permitindo a abordagem das suas obras nos domínios da poesia, do teatro e da prosa.

O desenvolvimento do Projecto Individual de Leitura permitiu aos alunos, ao longo de toda a aprendizagem, o contacto com obras da contemporaneidade, pelo que este módulo constituirá um reforço e uma sistematização das características literárias de todo o século XX e dealbar do século XXI, de *Orpheu* à Contemporaneidade.

No âmbito da poesia deve constituir-se uma antologia de 4 ou 5 dos poetas mencionados no quadro dos conteúdos, adoptando, na sua leitura, os procedimentos adequados ao convívio programado e esclarecido com a poesia de cada um e procurando a interacção entre a leitura como fruição e a análise reflectida. Espera-se que, neste momento da aprendizagem, o aluno seja já um leitor competente que saiba interagir com a obra literária, em constante processo de aprofundamento e preenchimento das indeterminações ou vazios que é sua função preencher.

E, porque “a linguagem da poesia é o mundo e o tempo em que se vive”¹ a revalorização da hermenêutica como arte de interpretar confere a cada acto de leitura alguma flutuação interpretativa capaz de projectar o mundo do leitor e o nosso tempo.

A análise literária dos textos de teatro contemplará as especificidades dos dois dramaturgos em alternativa: Raul Brandão e José Cardoso Pires. Se a escolha recair no primeiro, será seleccionada uma das peças indicadas.

No último decénio da vida, Raul Brandão retorna “à criação de literatura dramática, reunindo em 1923, num volume de *Teatro*, três peças de assombrosa, patética e grotesca gente (*O Gebo e a Sombra, O Rei Imaginário, O Doido e a Morte*).”²

Estas peças corporizam uma dramaturgia existencial e expressionista, tal como a concebe o autor que explica, num artigo intitulado “Teatro e Actores”, o seu conceito de teatro: “A obra de teatro não suporta detalhes, para que empolgue a valer. Cada espectador, diante do que se passa no palco, deve

¹ Gastão Cruz (1999). *A Poesia Portuguesa Hoje* (2.ª ed., corrigida e aumentada). Lisboa: Relógio d' Água.

² José Carlos Seabra Pereira (1989). Introdução a Raul Brandão e o legado do expressionismo. *História Crítica da Literatura Portuguesa* (vol. VII). Lisboa/S. Paulo: Editorial Verbo.

perder a personalidade, absorvido e arrastado. Em cena devem estar corações a bater, almas, cérebros a pensar – e mais nada. Tudo o resto é banal e frio.”³

A peça *O Render dos Heróis*, de José Cardoso Pires, revelou-se um marco da dramaturgia portuguesa da 2.^a metade do século. Levada à cena pela primeira vez em 1965, no Teatro Império de Lisboa, com uma encenação histórica de Fernando Gusmão, música de Carlos Paredes e interpretações, entre outros, de Cármen Dolores e Rui de Carvalho, será mais tarde, em 1989, a peça escolhida para a inauguração do Teatro da Malaposta, desta vez com encenação de Mário Barradas e música de António Vitorino de Almeida.

Tendo sido representada em época próxima de outra peça de grande impacto público, *Felizmente Há Luar* (1961), de Luís Sttau Monteiro, proporcionou, juntamente com esta, em meados do século, uma intensidade de vibração no teatro português, em termos de conjugação de texto, espectáculo, público e crítica, que não voltou a verificar-se posteriormente.

Deste módulo constam narrativas de diversos autores contemporâneos, sendo obrigatória a leitura integral de uma delas ou, tratando-se da diarística, excertos significativos e com coerência narrativa.

A inserção da leitura do Diário deve-se ao desenvolvimento, relativamente recente, dos estudos em torno da autobiografia e de outros escritos intimistas. Através da introdução, neste módulo, destes textos, este programa faz uma incursão em formas de escrita que o cânone mais tradicional não consideraria literatura mas quem têm raízes antigas, nomeadamente nos gregos. Nestes textos encontra-se o princípio de afirmação vital do sujeito perante si mesmo, o da relação entre o eu e o mundo e a questão da veracidade que problematiza o próprio conceito de autoficção.

As operações retrospectiva e prospectiva são, afinal, parte integrante destes escritos, registando a consciência e o tempo, “centrando o sujeito no presente por sucessivas incursões no passado, por retrospecção, e inferindo ou deduzindo sobre o futuro, por prospecção; ao procurar o eu no passado, o sujeito quer reorientar o porvir, autocorrigindo-se ou inflectindo no seu percurso, construindo uma utopia de si que espera poder cumprir.”⁴

³ *Correio da Manhã* (1895, 17 de Maio).

⁴ Paula Morão (1994). *O secreto e o real – caminhos contemporâneos da autobiografia e dos escritos intimistas. Românica 3*. Lisboa: Edições Cosmos.

2 | Conteúdos

. **Poesia:** Antologia de 4 ou 5 dos seguintes autores:

Alexandre O'Neill, António Gedeão, António Ramos Rosa, Carlos de Oliveira, David Mourão-Ferreira, Eugénio de Andrade, Fernando Pessoa, Herberto Helder, Jorge de Sena, José Gomes Ferreira, Manuel Alegre, Mário de Sá-Carneiro, Ruy Belo, Sophia de Mello Breyner Andresen, Vitorino Nemésio

- aspectos relevantes dos universos poéticos
- convenções poéticas
- especificidades histórico-literárias da criação poética
- códigos estéticos e processos estilísticos

. **Texto de teatro:** Raul Brandão – *O Gebo e a Sombra* **ou** *O Doido e a Morte*

- o simbolismo; o expressionismo; o pré-existencialismo
- as problemáticas existencial, metafísica e social
- a farsa existencial/a tragédia existencial
- o herói-louco
- o sentimento de absurdo ligado ao grotesco, gerado pela discrepância existente entre a realidade e o sonho, a grandeza e a abjeção
- especificidades de cada uma das peças

ou

José Cardoso Pires – *O Render dos Heróis*

- estrutura do texto dramático: prólogo; primeira, segunda e terceira partes; final
- a narrativa dramática e a apoteose grotesca
- contexto histórico, político e social - a revolta da Maria da Fonte e suas implicações
- tempo e espaço representados
- estatuto das personagens
- inserção de poemas e elementos da criação popular
- inserção de expressões em língua inglesa e língua castelhana
- elementos do espaço cénico e sua função dramática: o canto, o coro, os sinos, os efeitos de luz

. **Prosa:** Agustina Bessa Luís – *A Sibila* **ou** *Contos Amaranthinos*

Aquilino Ribeiro – *O Malhadinhas* **ou** *Andam Faunos pelos Bosques*

Carlos de Oliveira – *Uma Abelha na Chuva*

Irene Lisboa – *Solidão* **ou** *Solidão II* (excertos)

– *Voltar atrás para quê?*

Jorge de Sena – *Sinais de Fogo* **ou** *Os Grão-Capitães*

José Saramago – *A Jangada de Pedra*

Miguel Torga – *Diário* (excertos)

Vergílio Ferreira – *Aparição* **ou** *Manhã Submersa*

– *Conta Corrente* (excertos)

Vitorino Nemésio – *Mau Tempo no Canal*

- aspectos relevantes dos universos narrativos
- componentes semânticas
- categorias genológicas
- procedimentos estilísticos

- contexto histórico-literário
- inserção periodológica
- especificidades do livro seleccionado
- interacção com o universo imaginário proposto pelo texto

3 | Situações de aprendizagem/avaliação

As situações de aprendizagem deste último módulo constituem instrumentos operatórios de abordagem de obras literárias cuja época de produção nos é próxima, com as quais os alunos estão mais familiarizados devido a todo o percurso individual do Projecto de Leitura, desenvolvido ao longo de todos os módulos anteriores.

O contacto pessoal e demorado com os livros inclui já a detecção dos constituintes estruturais dos modos literários, sendo de prever que, neste momento final da aprendizagem nesta disciplina, os alunos estejam esclarecidos quanto aos instrumentos teóricos necessários à metacognição no processo de leitura literária.

Os autores seleccionados para a leitura de poesia servem-nos para demonstrar a exemplaridade e as potencialidades do modo lírico, traduzidas no plano da configuração das componentes semântico-pragmáticas e retórico-estilísticas bem como no efeito estético subsequente. “Em virtude da diversidade de manifestações do texto lírico, o seu ensino em contexto escolar implica a adopção de diversas estratégias metodológicas, como a problematização acerca da natureza da linguagem poética, a consideração de diferentes realizações estéticas dos géneros poético-líricos, a tomada de consciência do papel dos cânones poéticos, sem perder de vista as situações de reiteração ou de superação de códigos estéticos”.⁵

A construção da leitura de textos pertencentes aos modos dramático e narrativo deve pressupor, também, uma atitude de disponibilidade para compreender e fruir os textos seleccionados, para que os alunos possam participar construtivamente em todas as actividades que envolvam a *compreensão hermenêutica* dos textos e a análise dos elementos estruturantes dos seus sentidos fundamentais.

As componentes genológicas dos textos dramático e narrativo não devem ser descuradas, auxiliando a leitura parcial ou integral, visando a compreensão das categorias literárias, dos procedimentos estilísticos, dos vectores semânticos, do contexto histórico-literário e da inserção periodológica.

Tendo no horizonte os projectos pedagógicos de cada aluno e da turma, as actividades a seguir elencadas podem constituir, no contexto deste módulo, situações de aprendizagem relevantes:

- Produção de um vídeo sobre um dos poetas estudados
- Organização de uma “Noite de Poesia”
- Reportagem fotográfica sobre um dos temas privilegiados por um dos poetas
- Organização de “A minha antologia pessoal de poesia do séc. XX”
- Constituição de biobibliografias dos poetas estudados
- Redacção de textos expressivos e criativos em torno de poemas favoritos
- Escrita de poemas à maneira de ...
- Audição de música da época moderna: Shoenberg, Bartok, Chostakovitch, Stravinski, Prokofiev

⁵ Cristina Mello (1998). *O Ensino da Literatura e a Problemática dos Géneros Literários*. Coimbra: Almedina.

Pesquisa sobre o contexto histórico e político da peça escolhida
Dramatização de excertos da peça lida
Constituição de biobibliografia do dramaturgo
Trabalho de pesquisa: “O teatro no séc. XX”
Ida ao teatro
Apresentação à turma das “Impressões de um espectador”
Redacção de um excerto de texto dramático que atribua um outro final à peça estudada
Leitura de uma narrativa de Raul Brandão ou José Cardoso Pires
Apresentação à turma de aspectos significativos do texto lido
Escolhido *O Render dos Heróis*

- elaboração de um texto de reflexão que tenha por base uma das seguintes frases do texto:
 - Eu creio nas forças vivas do país
 - Ao mau soldado só Cristo fez herói; herói pelo perdão, não pela glória
 - A fé para os pobres, a instrução para os ricos
- produção de um jornal da revolta
- escrita a partir do texto: dar uma continuidade ao prólogo

Constituição de biobibliografia do autor da narrativa seleccionada
Organização de um Diário da Turma
Redacção de textos de carácter autobiográfico
Constituição da biografia de uma personalidade importante do séc. XX
Organização, na escola, de uma sessão de homenagem a essa personalidade
Audição de música da época contemporânea: Boulez, Stockhausen, Berio
Exploração, na oralidade e/ou na escrita, de temáticas relevantes da narrativa seleccionada
Elaboração de um romance: cada aluno, ao longo de um determinado período de tempo, escreve um excerto do romance imaginado pela turma.
Construção de um sítio de apresentação desse romance

No que respeita ao **Projecto Individual de Leitura** e ao seu modo de implementação e avaliação, consultem-se as páginas 21, 22, 30 e 31.

Constitui patamar mínimo de avaliação:

- um teste à compreensão oral;
- uma actividade de expressão oral como resposta a leituras efectuadas;
- dois testes de compreensão de leitura;
- duas actividades de escrita: escrita com o texto e escrita sobre o texto;
- *portfolio* – instrumento privilegiado de avaliação do **Projecto Individual de Leitura**.

4 Bibliografia/Outros Recursos

- Almeida, H. (2001). *Aquilino Ribeiro: Entre Jornalismo e Literatura – Conformação e Canonização da Escrita Aquiliana* (dissertação de doutoramento). Viseu.
- Amaral, F.P. do (1988). *A oitava partida do mundo. A Phala. Um Século de Poesia (1888-1988)*. Lisboa: Assírio & Alvim
- Andrade, J. P. de (s.d.). *Raul Brandão*. Lisboa: Arcádia.
- Barata, J. O. (1991). *História do Teatro Português*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Barrento, J. (1965). Heroísmo e grotesco em José Cardoso Pires. *Jornal de Letras e Artes*. Lisboa.
- Biezma, J. del P., Castillo, J. B. & Picazo, M. D. (1994). *Autobiografía y Modernidad Literaria*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha.
- Borel, J. (1992). Journal d'un écrivain, journal d'un homme. *Le Cheval de Troie*, n.º 5. Bordéus.
- Brauer-Figueiredo, M.ª F. & Hopfe, K. (eds.) (2002). *Metamorfoses do Eu: o Diário e Outros Géneros Autobiográficos na Literatura Portuguesa do séc. XX. Actas da Secção 8 do IV Congresso da Associação Alemã de Lusitanistas*. Frankfurt: Verlag Teo Ferrer de Mesquita.
- Bulger, L. F. (1990). *A Sibília: uma Superação Inconclusa*. Lisboa: Guimarães Editores.
- (1997). *A Jangada de Pedra* de José Saramago, viagem em busca de um futuro, de um tempo, de um destino. *Literatura de Viagem, Narrativa, História e Mito* (org. de A. M. Falcão & alii). Lisboa: Cosmos.
- Carlos, L. A. (1999). *Fenomenologia do Discurso Poético – Ensaio sobre Jorge de Sena*. Porto: Campo das Letras.
- Carmo, C. I. do (1998). *Adolescer em Clausura. Olhares de Aquilino, Régio e Vergílio Ferreira sobre o Romance de Internato*. Faro-Viseu: Universidade do Algarve-Centro de Estudos Aquilino Ribeiro.
- Carvalho, G. de (1989). Nemésio, um ponto de vista. *A Phala. Um Século de Poesia (1888-1988)*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Cayron, C. (1982). Prefácio. *En Franchise Intérieure. Pages du Journal (1939-1977)*. Paris : Aubier-Montaigne.
- Coelho, J. do P. (1976). *António Gedeão: Máquina de Fogo, Ao Contrário de Penélope*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- Cruz, D. I. (1991). *O Simbolismo no Teatro Português*. Lisboa: Biblioteca Breve.
- Cruz G. (1989). Carlos de Oliveira – uma poética da brevidade no contexto do neo-realismo. *A Phala. Um Século de Poesia (1888-1988)*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- (1999). *A Poesia Portuguesa Hoje* (2.ª ed., corrigida e aumentada). Lisboa: Relógio d'Água.
- Diogo, A. A. L. (1990). *Herberto Helder: Texto, Metáfora, Metáfora do Texto*. Coimbra: Almedina.
- Dumas, C. (2002). *Estética e Personagens no Romance de Agustina Bessa Luís*. Porto: Campo das Letras.
- Faria, D. (1981). *Outros Sentidos da Literatura*. Lisboa: Vega.
- Foucault, M. (1992). *A escrita de si . O Que é um Autor?*. Lisboa: Vega.
- Ferreira, S. (1999). Irene Lisboa – ou a intimidade como sinal de vida. *Jornal A Página* n.º 82, Julho de 1999.
- Finazzi-Agró, E. (1987). *O Alibi Infinito. O Projecto e a Prática na Poesia de Fernando Pessoa* (trad. de Amílcar M. R. Guerra). Lisboa: INCM.
- Garcez, M. H. N. (1985). *Alberto Caeiro – Descobridor da Natureza?*. Porto: Centro de Estudos Pessoaanos.

- Gil, J. (1987). *Fernando Pessoa ou a Metafísica das Sensações*. Lisboa: Relógio d' Água.
- (1999). *Diferença e Negação na Poesia de Fernando Pessoa*. Lisboa: Relógio d' Água.
- Gonçalves, M. M. (1983). *Poesias de Vitorino Nemésio*, Lisboa: Ed. Comunicação.
- Gouveia, M. M. M. (1986). *Vitorino Nemésio, Estudo e Antologia*. Lisboa: ICALP.
- Guimarães, F. (1989). Um espaço significativo na poesia de Ruy Belo. *A Poesia Contemporânea Portuguesa e o Fim da Modernidade*. Lisboa: Caminho.
- Gusmão, M. (1981). *A Poesia de Carlos de Oliveira*. Lisboa: Ed. Comunicação.
- Gusmão, M., Coelho, E.P. & Viegas, F.J. (1998). *José Saramago, uma Voz contra o Silêncio* (1ª ed.). Lisboa: Caminho.
- Júlio, M. J. N. (1996). *O Discurso de Vergílio Ferreira como Questionação de Deus*. Lisboa: Edições Colibri.
- Lejeune, P. (2002). *Le Pacte Autobiographique Vingt-Cinq Ans Après*. L'École de lettres, second cycle, 1, juillet-septembre.
- Lisboa, E. (1984). *Estudos sobre Jorge de Sena*. Lisboa: INCM.
- Lopes, Ó. (1970). Raul Brandão. I – Primeira Abordagem. Raul Brandão. II – O Doido e a Morte. Raul Brandão. III – Certa Filosofia da Dor na sua Moldura Histórica. *Ler e Depois. Crítica e Interpretação Literária*. Porto: Inova.
- (1986). Vitorino Nemésio. Ramos Rosa. *Os Sinais e os Sentidos*. Lisboa: Caminho.
- (1987). Raul Brandão. *Entre Fialho e Nemésio. Estudos de Literatura Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: INCM.
- (1994). Mário de Sá Carneiro ou a aposta contra Cesário. *A Busca de Sentido. Questões de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- (1994). «Mãe-d' Água, ou a poesia de Eugénio» e Eugénio de Andrade: o texto inconsútil entre a voz e as coisas. *A Busca de Sentido. Questões de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Lourenço, E. (1985). Retrato de Sophia. Prefácio. *Antologia* (5.ª ed.). Lisboa: Moraes.
- (1986). *Fernando, Rei da Nossa Baviera*. Lisboa: INCM.
- (1987). *Tempo e Poesia*. Lisboa: Relógio D' Água.
- (1995). Prefácio. *Manuel Alegre, 30 Anos de Poesia*. Lisboa: Ed. Círculo de Leitores.
- (2000). *Fernando Pessoa Revisitado. Leitura Estruturante do Drama em Gente*. Lisboa: Gradiva.
- Lourenço, J. F. (1987). *O essencial sobre Jorge de Sena*. Lisboa: INCM.
- (1998). *A Poesia de Jorge de Sena: Testemunho, Metamorfose, Peregrinação*. Paris: Centre Culturel Calouste Gulbenkian.
- Machado, Á. (1984). *Raul Brandão entre o Romantismo e o Modernismo*. Lisboa: Biblioteca Breve.
- Magalhães, J.M. (1981). Ruy Belo. *Os Dois Crepúsculos. Sobre Poesia Portuguesa Actual e Outras Crónicas*. Lisboa: A Regra do Jogo.
- (1984). Posfácio à poesia de Ruy Belo. *Obra Poética* (2.ª ed., vol. 1). Lisboa: Editorial Presença.
- Marinho, M. F. (1989). Entre Deus e os deuses: para um estudo da ambiguidade na poesia de Sophia de Mello Breyner Andresen. *A Poesia Portuguesa nos Meados do Século XX - Ruptura e Continuidade*. Lisboa: Caminho.
- Marques, J.G. (2001). *Aparição de Vergílio Ferreira. Roteiro de um Mundo a Descobrir: a Inquietação Interrogante* (tese de mestrado). Braga: Universidade do Minho, Inst. de Educação e Psicologia.

- Martinho, F. J. B. (1986). Prefácio. *António Ramos Rosa, Poesia Liberdade Livre*. Lisboa: Ulmeiro/ Universidade n.º 8.
- (1991). *Pessoa e a Moderna Poesia Portuguesa – do «Orpheu» a 1960*. Lisboa: Biblioteca Breve.
- (1996). *Tendências Dominantes da Poesia Portuguesa da Década de 50*. Lisboa: Edições Colibri.
- Martins, J. (1998). A encenação de *O Render dos Heróis*. *Jornal de Letras, Artes e Ideias*, n.º 733. Lisboa.
- Martins, M. de L. (1996). *Para uma Inversa Navegação. O Discurso da Identidade*. Porto: Afrontamento.
- Martins, M. L. C. (1997). David Mourão-Ferreira: a forma musical do sentido. *Românica* 6. Lisboa: Edições Cosmos.
- Mello, C. (1998). *O Ensino da Literatura e a Problemática dos Géneros Literários*. Coimbra: Almedina.
- Morão, P. (1984). Mário de Sá-Carneiro: o lúcido. *Palavras*, n.º 7, Maio.
- (1993). Memórias e géneros literários afins: algumas precisões teóricas. *Viagens na Terra das Palavras*. Lisboa: Cosmos.
- (1994). O secreto e o real – caminhos contemporâneos da autobiografia e dos escritos intimistas. *Românica* 3. Lisboa: Edições Cosmos.
- Mourão, L. (1990). *Conta-Corrente 6: Ensaio sobre o Diário de Vergílio Ferreira*. Sintra: Câmara Municipal de Sintra.
- Mourão-Ferreira, D. (1979). *Fernando Pessoa – O Rosto e as Máscaras* (2ª ed.). Lisboa: Ática.
- (1980). *Vinte Poetas Contemporâneos*. Lisboa: Ática.
- (1981). Ícaro e Dédalo: Mário de Sá Carneiro e Fernando Pessoa. *Hospital das Letras* (2.ª ed.). Lisboa: INCM.
- (1988). Sobre a poesia da Presença. *A Phala. Um Século de Poesia (1888-1988)*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Nemésio, V. (1970). Ocaso e Dispersão de Mário de Sá Carneiro. *Conhecimento da Poesia*. Lisboa: Editorial Verbo.
- Palma Ferreira, J. (1981). *Subsídios para uma Bibliografia do Memorialismo Português*. Lisboa: Biblioteca Nacional.
- Paz, O. (1988). *Fernando Pessoa. O Desconhecido de Si Mesmo* (trad. Luís Alves da Costa). Lisboa: Vega.
- Pereira J. C. S. (1989). Introdução a Raul Brandão e o legado do expressionismo. *História Crítica da Literatura Portuguesa* (vol. VII). Lisboa/S. Paulo: Editorial Verbo.
- Rebello, L. F. (1961). A dramaturgia existencial de Raul Brandão. *Imagens do Teatro Contemporâneo*. Lisboa: Ática.
- Reis, C. (1995). Modernismo e Futurismo. *O Conhecimento da Literatura. Introdução aos Estudos Literários*. Coimbra: Almedina.
- Rocha, C. (1995). Sophia de Mello Breyner Andresen. *Biblos. Enciclopédia Verbo das Literaturas de Língua Portuguesa* (vol. 1). Lisboa: Verbo.
- Rosa, A.R. (1980). *A Poesia Moderna e a Interrogação do Real II*. Lisboa: Editora Arcádia.
- (1987). *Incisões Oblíquas. Estudos sobre Poesia Portuguesa Contemporânea*. Lisboa: Caminho.
- (1991). *A Parede Azul – Estudos sobre Poesia e Artes Plásticas*. Lisboa: Caminho.

Saraiva, A. (1988). O extinto e inextinguível *Orpheu*. *A Phala. Um Século de Poesia (1888-1988)*. Lisboa: Assírio & Alvim.

----- (1995). *Introdução à Poesia de Eugénio de Andrade*. Porto: Fundação Eugénio de Andrade.

Sena, J. de (1982). *Fernando Pessoa & C^{ia} Heterónima. Estudos Coligidos, 1940-1948*. Prefácio de Mécia de Sena. Lisboa: Edições 70.

Silvestre, O.M. (1997). *Introdução. Boca Bilingue*. Lisboa: Edições 70.

Sousa, J.A. de (2004). *Vergílio Ferreira e a Filosofia da sua Obra Literária*. Lisboa: Árion.

Vila Maior, D. (1994). *Fernando Pessoa, Heteronímia e Dialogismo, o Contributo de Mikhail Bakhtine*. Coimbra: Livraria Almedina.

Sítios:

<http://www.iplb.pt>

<http://www.malhatlantica.pt/jorgefborges/teatro.htm>

http://www.citi.pt/cultura/literatura/romance/cardoso_pires/render_herois.html

<http://www.eservis.net/pessoais/gomes/textos/poesia.htm>

<http://www.instituto-camoes.pt/escritores/sophia/biblpassiva.htm>

<http://www.apagina.pt>

CD:

Carlos de Oliveira, por João Grosso. Coleção Poesia Dita. Casa Fernando Pessoa e Editorial Presença.

Eugénio de Andrade por Eugénio de Andrade (1997). Editora discográfica Numérica.

Fernando Pessoa, por João Villaret, (s/d). EMI - Valentim de Carvalho, Música Lda.

Manuel Alegre com Carlos Paredes (1974). *É Preciso um País*. EMI - Valentim de Carvalho, Música Lda.

Ruy Belo, por Luís Miguel Cintra (1993). Coleção Poesia Dita. Casa Fernando Pessoa e Editorial Presença.

Ruy Belo (2003). *A Margem da Alegria*. Assírio & Alvim.

Sophia, por Luís Miguel Cintra (1994). Coleção Poesia Dita. Casa Fernando Pessoa e Editorial Presença.

“Os poetas” entre nós e as palavras. EMI - Valentim de Carvalho, Música Lda. Instituto Camões, 2002.

Revistas e Jornais

Jornal de Letras e Artes (1965, Fevereiro). Heroísmo e grotesco em José Cardoso Pires, de J. Barrento.

Correio da Manhã (1895, 17 de Maio) Raul Brandão sobre Raul Brandão.

Colóquio/Letras n.º 46 (1978, Maio). A poesia de Ruy Belo.

Jornal de Letras, Artes e Ideias (1981, Junho). Carlos de Oliveira: viagem à roda de uma colmeia, de Nuno Júdice.

Colóquio/Letras n.º 67 (1982, Maio). (Sobre Jorge de Sena).

Colóquio/Letras n.º 73 (1983, Maio). Acerca da poesia de Ruy Belo: um espaço de sentido.

Colóquio/Letras n.º 85 (1985) e n.º 115/116 (1990). (Vários artigos sobre Aquilino Ribeiro)

Colóquio/Letras n.º 104/105 (1988, Julho-Outubro). (Homenagem a Jorge de Sena)

Expresso (1988, 23 de Janeiro). (De Clara Ferreira Alves, sobre Agustina Bessa-Luís)

Colóquio/Letras n.º 117/118 (1990, Setembro-Dezembro). (Dedicado a Mário de Sá Carneiro)

Vértice, II série, n.º 36 (1991, Março). (Número dedicado a Mário de Sá Carneiro)

Vértice, II série, n.º 38 (1991, Maio). A poesia como trabalho. Carlos de Oliveira e a experiência da rarefacção, de Gustavo Rubim.

El País (1994, 11 de Fevereiro). Diários Íntimos, de António Muñoz Molina.

Jornal de Letras (1999, 16 de Junho). Sinónimo absoluto de poesia. (De Alice Vieira, sobre Sophia de Mello Breyner Andresen)

Visão (2000, 8 de Junho). (Sobre José Gomes Ferreira)

Jornal de Notícias (2000, 28 de Dezembro). Não dar «brilho à biqueira». (Sobre Alexandre O'Neil)

Jornal A Página n.º 129 (2003, Dezembro). *Uma Abelha na Chuva* – a reedição de um «clássico» da nossa literatura.

4 – BIBLIOGRAFIA GERAL

AAVV (s/d). *Actes du IV^{ème} Colloque International de Didactique du Français Langue Maternelle*.

O capítulo desenvolve uma reflexão sobre o escrito literário como lugar de variação e diversificação da língua, podendo partir-se de uma abordagem menos profunda nos primeiros anos de escolaridade para uma descodificação progressiva e aprofundada do texto. Se toda a linguagem é susceptível de conduzir a efeitos estéticos e retóricos, então o texto literário, como sistema simbólico em que o mundo é feito, desfeito e tornado a fazer como uma experiência estética, poderá servir como base de trabalho.

AAVV (2000). *Dicionário de Metalinguagens da Didáctica*. Porto: Porto Editora.

AAVV (2000). *Didáctica da Língua e da Literatura*. Coimbra: Almedina.

Conjunto de comunicações apresentadas no V Congresso Internacional de Didáctica da Língua e da Literatura, da Universidade de Coimbra. Nestes textos, são apresentados os mais recentes estudos teóricos dos vários domínios que constituem as disciplinas de línguas, seu ensino-aprendizagem e avaliação. São ainda sugeridas algumas actividades e apresentados instrumentos que poderão ser utilizados em aula.

AAVV (1997-2000). *História e Antologia da Literatura Portuguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

AAVV (1988). *Littérature et Enseignement*. Paris: Hachette.

Apresentam-se neste número especial várias linhas de força susceptíveis de abrir à literatura a via legítima na didáctica das línguas. O leitor surge aqui como instância dinâmica na construção do sentido e de leitor reflexivo poderá passar a escrevente autónomo.

Aguiar e Silva, V. M. (1990). *Teoria e Metodologia Literárias*. Lisboa: Universidade Aberta.

A obra estrutura-se em 9 capítulos que abrangem aspectos fundamentais da teorização literária. São discutidos, entre outros, os conceitos de literatura, de comunicação literária, de género, as relações da literatura com outras artes. O último capítulo apresenta a história e sistema do género romance. No final de todos os capítulos apresenta-se uma bibliografia de aprofundamento.

----- (1994). *Teoria da Literatura* (8ª edição). Coimbra: Almedina.

Amor, E. (1993). *Didáctica do Português*. Lisboa: Texto Editora.

Organizado em duas partes, o livro fornece aos docentes ou futuros docentes um enquadramento teórico e alguns instrumentos metodológicos, procurando, com esses pressupostos, percorrer os diversos modos comunicativos – da oralidade à escrita – reunindo sobre cada um, a par de suporte teórico específico, um conjunto diversificado de sugestões operacionais congruentes com as diversas abordagens expostas.

Andrews, R. (1991). *The Problem with Poetry*. Philadelphia: Open University Press.

Partindo de uma perspectiva estruturalista do discurso poético, o autor problematiza as práticas escolares correntes e apresenta propostas de trabalho que possam dar conta das várias dimensões da poesia.

Antão, J. A. S. (1997). *Elogio da Leitura*. Porto: Edições Asa.

O autor apresenta as técnicas associadas a tipos de leitura, equacionando-as face aos objectivos e à necessidade de revalorizar e revitalizar o exercício da leitura. Realça as aplicações pedagógicas da Banda Desenhada e distingue a leitura imagética da leitura alfabética, apresentando os principais objectivos de cada uma.

Armellini, G. (1987). *Come e Perché Insegnare Letteratura: Strategie e Tattiche per la Scuola Secondaria*. Bologna: Zanichelli.

Para além de uma profunda reflexão sobre a evolução histórica da educação literária e sobre o seu progressivo menosprezo, o autor apresenta propostas de intervenção didáctica que permitirão resgatar funções formativas essenciais associadas ao ensino da literatura.

Barata, J. O. (1979). *Didáctica do Teatro. Introdução*. Coimbra: Almedina.

Obra que trata do ensino-aprendizagem do teatro em contexto escolar, incluindo sugestões práticas de actividades.

Barata, J. O. (1993). *Invenções e Cousas de Folgar: Anrique da Mota e Gil Vicente*. Coimbra: Minerva. Segundo o autor, esta obra visa informar, esclarecer e actualizar o conhecimento da análise do texto dramático de professores e alunos. Se parte significativa deste livro se debruça sobre duas farsas de Gil Vicente e de Anrique da Mota, os capítulos iniciais contêm uma teorização relativa à especificidade do texto de teatro e às implicações didácticas daí decorrentes.

Barata, J. O. (1991). *História do Teatro Português*. Lisboa: Universidade Aberta. A obra inicia-se com uma bibliografia e divide-se em sete capítulos. O primeiro reflecte sobre a especificidade do teatro e a existência de um teatro português. Os restantes seis apresentam momentos da evolução histórica do teatro português.

Borie, M., et al. (eds.) (1996). *Estética Teatral: Textos de Platão a Brecht*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Esta obra de compilação apresenta textos de autores fundamentais da teorização teatral ocidental.

Coelho, C. & Campos, J. (2003). *Como Abordar ... o Portfólio na Sala de Aula*. Porto: Areal Editores. O *portfólio*, como instrumento de avaliação, preconiza a autonomia do aluno, construtor da sua própria aprendizagem, sendo o professor o regulador de todo o processo. As autoras estabelecem as diferenças entre as teorias tradicionais e a teoria construtivista e salientam as vantagens do *portfólio* por avaliar, não só o produto, mas também o processo.

Coelho, J. P. (dir.) (1982). *Dicionário de Literatura*. Porto: Figueirinhas.

Descotes, M. (coord) (1995). *Lire Méthodiquement des Textes*. Paris: Bertrand-Lacoste. Obra teórico-prática que situa a «leitura metódica» no cruzamento de: 1) uma teoria do sentido ou do texto (domínio literário); 2) uma concepção da leitura (psicolinguística e semiótica); 3) teorias da aprendizagem (psicologia cognitiva, ciências da educação). Depois de expor os fundamentos, objectivos e factores envolvidos na abordagem metódica dos textos, apresenta a organização e análise de sequências práticas de leitura de textos poéticos, narrativos, dramáticos e argumentativos, bem como a leitura de imagens.

Dias, P. X. (1987). *Making Sense of Poetry. Patterns in the Process*. Ottawa: The Canadian Council of Teachers of English.

O autor descreve a investigação que empreendeu na área da resposta à literatura que se centrou nos processos de leitura poética de 28 leitores adolescentes. Aqui se dá conta da metodologia seguida, dos resultados obtidos, da categorização de padrões de leitura poética e se fazem recomendações aos professores de literatura.

Dias, P. X. & Hayhoe, M. (1988). *Developing Response to Poetry*. Philadelphia: Open University Press, Milton Keynes.

Obra fundamental para a compreensão do processo da leitura poética. Para além de se sintetizarem várias investigações na área da resposta à literatura, dá-se conta da investigação realizada por Patrick Dias sobre os processos de leitura poética de 28 leitores adolescentes, das suas conclusões e das implicações didácticas deste estudo.

Eco, U. et al. (1993). *Interpretação e Sobreinterpretação*. Lisboa: Editorial Presença.

Colectânea de textos que se ocupa de questões relacionadas com a noção de interpretação e o seu campo de abrangência, traçando um historial da actividade interpretativa e debatendo as diversas teorias construídas em seu torno.

Eco, U., (1983). *Leitura do Texto Literário. Lector in Fabula*. Lisboa: Ed. Presença.

A noção de texto como manifestação linguística, cujo conteúdo se constrói através de actos de cooperação do leitor, serve de base a este estudo em que se equaciona a relação entre a liberdade do leitor e os constrangimentos textuais.

Eco, U. (1983). *Seis Passeios nos Bosques da Ficção*. Lisboa: Difel.

O livro é um convite a explorar os meandros da forma e do método ficcionais, levando o leitor a colaborar na criação do texto e na investigação de alguns dos mecanismos fundamentais da ficção. Ao penetrar na região enevoada onde o real e a ficção se fundem, pode-se aprender a ser melhor leitor e a floresta escura pode tornar-se curiosidade, descoberta e deleite.

Faria, M. I. & Pericão, M. G. (1988). *Dicionário do Livro*. Lisboa: Guimarães Editores.

Terminologia relativa ao suporte, ao texto, à edição e encadernação, ao trabalho técnico.

García Berrio, A. & Calvo, J. H. (1995), *Los Géneros Literários: Sistema e Historia*. Madrid: Cátedra.
O livro reflecte sobre a teoria dos géneros literários, dividindo-se em três partes: a primeira, da responsabilidade do professor A. García Berrio, apresenta a fisionomia do sistema dos géneros, no presente; a segunda e terceira partes, elaboradas pelo professor J. Huerta Calvo, assumem a posição histórica.

García Berrio, A. & Fernandez, T. H. (1994). *La Poética: Tradición y Modernidad*. Madrid: Editorial Síntesis.

O livro divide-se em três partes: Poética tradicional, Poética moderna e a teoria dos géneros literários. Pretende ser uma síntese informativa sobre Poética, confrontando os conceitos clássico e actual, analisando a teoria e apresentando escolas, tendências e géneros.

García Berrio, A. (1994). *Teoría de la Literatura (La Construcción del Significado Poético)* (2ª ed., revista e aumentada). Madrid: Cátedra.

Genette, G. (1995). *Discurso da Narrativa*. Lisboa: Ed. Vega

Obra essencial para o estudo da narrativa pela descrição rigorosa das propriedades e artifícios ficcionais cuja presença e implicações nem sempre são visíveis.

Gengembre, G. (1996). *Les Grands Courants de la Critique Littéraire*. Paris : Editions du Seuil.

Apresentação e explicação sintética das grandes correntes da teoria literária, acompanhadas de indicações bibliográficas.

Guillén, C. (1989). *Teorías de la Historia Literaria*. col. Austral. Madrid: Espasa-Calpe.

Como o título indica, aqui encontramos referência a teorias da história literária nomeadamente relacionadas com estilística, filiações e convenções, períodos literários.

Harry Shaw (1982). *Dicionário de Termos Literários*. Lisboa: D. Quixote.

Hayhoe, M. & Parker, S. (eds.) (s.d.). *Reading and Response*. Philadelphia: Open University Press, Milton Keynes.

Conjunto de estudos internacionais e de artigos essenciais de diversos autores que constituem importantes reflexões sobre o ensino da literatura.

Hayhoe, M., & Parker, S. (1988). *Words Large as Apples: Teaching Poetry 11-18*. Cambridge: Cambridge University Press.

Obra fundamental na caracterização do discurso poético e no elenco exaustivo de possibilidades do seu tratamento em contexto educativo.

Júdice, N. (1998). *As Máscaras do Poema*. Col. Parque dos poetas. Lisboa: Aríon Publicações.

Abordagem de questões relacionadas com a poesia tais como algumas questões formais, as regras da poesia, as linguagens e as máscaras do poema, a poesia e o sonho, sujeito e poesia. Uma releitura de Bernardim Ribeiro, outros estudos, alguns percursos contemporâneos e poesia e tradução constituem assunto para alguns capítulos do livro.

Lázaro Carreter, F. (1990). *De Poética y Poéticas*. Madrid: Cátedra.

Livro fundamental para aprofundar conhecimentos sobre as relações entre o poema e o leitor ou entre o poeta e o leitor bem como para analisar questões relacionadas com a compreensão da poesia. A segunda e terceira partes trazem-nos considerações pontuais sobre poéticas de alguns poetas e a quarta parte equaciona o uso da metáfora e da aliteração e variantes aliterativas.

Leuwers, D. (1996). *Introduction à la Poésie Moderne et Contemporaine*. Paris : Dunod.

Estudos sobre a origem da poesia, fundamentos e funções da linguagem poética mas também sobre alguns períodos literários e suas características, enquadrando o acto poético numa dinâmica histórica. O livro equaciona a história poética e a teoria literária reflectindo sobre as suas influências sobretudo na poesia moderna e contemporânea.

Machado, A. M. (org. e dir.) (1996). *Dicionário de Literatura Portuguesa*. Lisboa: Presença.

Mateus, O. (1989). Teatro e Literatura. *Vértice*, 21. Lisboa: Caminho (pp.91-94).

Texto fundamental na teorização de duas práticas artísticas diferentes, muito frequentemente assimiladas. São apontadas as zonas de contraste e coincidência, nos vários domínios dos métodos, materiais e formas de conhecimento.

Mello, C. (1998). *O Ensino da Literatura e a Problemática dos Géneros Literários*. Coimbra: Almedina. A obra apresenta um quadro conceptual da interacção dos saberes no ensino da literatura, a partir de três princípios didáctico-pedagógicos: o da aprendizagem integrada (estudo da literatura e da língua), o da construção da aprendizagem e o da interactividade pedagógica.

Mendes, M. V. (1997). *Pedagogia da Literatura. Românica*, 6. Lisboa: Edições Cosmo (pp. 155-166). Partindo das propostas apresentadas por Calvino, a autora propõe uma redefinição da pedagogia literária escolar e sugere múltiplos modos de intervenção do professor que poderão concorrer para uma mais intensa relação entre textos e alunos.

Moisés, M. (1978). *Dicionário de Termos Literários*. São Paulo: Cultrix.

Morão, P. (1994). O secreto e o real: caminhos contemporâneos da autobiografia e dos escritos intimistas. *Românica*, 3. Lisboa: Edições Cosmos (pp.21-30). O artigo desenvolve uma reflexão em torno da autobiografia e dos escritos intimistas, tentando estabelecer as fronteiras entre vida e ficção. A autora enuncia dois campos que problematiza: os escritos intimistas propriamente ditos, autobiografia e diário íntimo, que se estruturam em torno do eu, e outros textos intimistas como as memórias e o epistolário, em que se estabelece uma relação entre o eu e o mundo.

Prado, J. del (1993). *Teoría y Práctica de la Función Poética, Poesía Siglo XX*. Col. Crítica y estudios literários. Madrid: Cátedra.

O livro é constituído por cinco partes que analisam no seu conjunto, a função poética: 1ª - da função poética e dos seus pontos de vista; 2ª - a poética do crítico; 3ª - função adjuvante da poeticidade; 4ª - metáfora e referente; 5ª - a estruturação metafórica.

Purves, A.C. & Quattrini, J. A. (1996). *Creating the Literature Portfolio: a Guide for Students*. Illinois: NTC Publishing Group.

O livro apresenta várias possibilidades de intervenção do aluno na criação do seu *portfólio*. Várias sugestões são dadas com o objectivo de dar ao aluno a possibilidade de uma auto-avaliação enquanto leitor e na sua progressão no conhecimento da literatura.

Purves, A. C. (1971). "Evaluation of learning in literature", B. S. Bloom & Al. (eds). *Handbook on the Formative and Summative Evaluation of Student Learning*. New York: McGraw-Hill (pp. 697-765).

Neste estudo o autor dá-nos uma noção detalhada dos múltiplos conhecimentos e comportamentos presentes em diversos currículos dos Estados Unidos e apresenta propostas de avaliação da aprendizagem literária.

Reis, C. (1997). *O Conhecimento da Literatura*. Coimbra: Almedina.

Reis, C. & Lopes, A. C. (1994). *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina.

Reuter, Y. (1990). Définir les biens littéraires?. *Pratiques*, 67, (pp. 5-14).

Neste artigo, o autor ensaia uma definição do fenómeno literário e acentua duas características fundamentais: a extracção e a porosidade. Esta cuidada reflexão depara com a indefinibilidade dos bens literários enquanto sùmula dos discursos sociais.

Rivera, G. G. (1995). *Didáctica de la Literatura para la Enseñanza Primaria y Secundaria*. Madrid: Ediciones Akal.

Nesta obra são apresentados os fundamentos metodológicos da educação literária e propostas várias possibilidades de elaboração alternativa do currículo de literatura. Sugerem-se múltiplos caminhos na exploração da literatura na escola, desde métodos de iniciação à leitura literária a formas mais elaboradas de relação com os textos.

Rocha, C. (1992). *Máscaras de Narciso: Estudos sobre a Literatura Autobiográfica em Portugal*. Coimbra: Almedina.

Com este trabalho, a autora pretende chamar a atenção para a diversidade da nossa literatura autobiográfica e contrariar o preconceito de que a tradição portuguesa nesse domínio é relativamente

pobre. Apresenta uma selecção pessoal de obras declarada ou tangencialmente autobiográficas, em que intervieram critérios de representatividade e de qualidade estética.

Rocheta, M. I. & Neves, M. B. (org.) (1999). *Ensino da Literatura, Reflexões e Propostas a Contracorrente*. Lisboa: Edições Cosmos.

Compilação de vários artigos sobre Didáctica da Literatura. O livro pretende, por um lado, homenagear Margarida Vieira Mendes, testemunhando a sua “intensa e fecunda actividade de pesquisa”, por outro, lançar uma reflexão sobre vários núcleos de questões centrais em Didáctica da Literatura. Sublinha, ainda, o facto de a leitura literária constituir um caminho de aprendizagem da língua que contribui para a formação integral dos alunos.

Rosenblatt, L. M. (1983). *Literature as exploration* (6ª ed.). New York: Modern Language Association of America.

Texto fundamental da didáctica da literatura, editado pela primeira vez em 1938, apresenta uma profunda reflexão sobre as funções da educação literária e uma perspectiva perscrutadora na valorização do papel do leitor.

Rosenblatt, L. M. (1978). *The Reader, the Text, the Poem: the Transactional Theory of the Literary Work*. Carbondale IL: Southern Illinois University Press.

Neste livro, a autora teoriza sobre a dimensão transaccional da leitura literária. O termo *poema* representa toda a obra literária artística e pressupõe um leitor activamente envolvido com um texto. Deste modo, o que pode diferenciar uma obra de arte literária de outros tipos de expressão ou comunicação não reside exclusivamente nas características textuais, mas depende da atitude que o leitor toma perante os textos.

Ryngaert, J. P. (1992). *Introdução à Análise do Teatro*. Porto: Asa.

Vários aspectos são discutidos nesta obra de reflexão sobre a especificidade e natureza do texto de teatro. São propostas abordagens metódicas e recomendadas leituras de aprofundamento. Contem ainda comentários de textos teatrais.

Sá-Chaves, I. (1998). *Porta-fólios – no fluir das concepções, das metodologias e dos instrumentos. Conhecer, Aprender e Avaliar*. Porto: Porto Editora.

Reflexão sobre os “porta-fólios” enquanto instrumentos de diálogo entre formador e formandos, realizados com objectivos explicitamente formativos e de estimulação do pensamento reflexivo, providenciando oportunidades para documentar, registar e estruturar os procedimentos e a própria linguagem.

Scholes, R. (1991). *Protocolos de Leitura*. Lisboa: Edições 70.

O livro empreende uma reflexão em torno de três eixos fundamentais: a leitura enquanto actividade intertextual, a interpretação e o problema dos protocolos de leitura e a crítica, retórica e ética.

Sousa, C. (1998). *Porta-fólios – um instrumento de avaliação de processos de formação, investigação e intervenção. Conhecer, Aprender, Avaliar*. Porto: Porto Editora.

Ao considerar que toda a actividade educativa deve confluir na concretização de um projecto pedagógico que visa a apropriação da construção do conhecimento, a autora conclui que a implementação de uma nova forma de avaliação se poderá apresentar como facilitadora e promotora do desenvolvimento de espaços pedagógicos inovadores, susceptíveis de se afirmarem como espaços de formação, investigação e intervenção.

Spires, H., Huffman, L. Honeycutt, R. & Barrow, H. (1995). Socializing college developmental students to hear their academic voices with literature. *Journal of Reading*, 38(5) (pp. 340-345).

Os autores apresentam uma proposta de trabalho com alunos universitários recém-chegados centrada em clubes de leitura que visam intensificar a relação pessoal dos alunos/leitores no domínio da experiência literária.

Squire, J. R. (1990). Research on reader response and the National Literature Initiative, in M. Hayhoe & S. Parker (Eds.). *Reading and Response*. Philadelphia: Open University Press, Milton Keynes, (pp. 13-24).

Neste artigo apresentam-se contributos de diversos estudos sobre a resposta do leitor para uma reconfiguração da prática do ensino da literatura.

Surgers, A. (2000). *Scénographies du Théâtre Occidental*. Paris: Nathan.

A obra apresenta a evolução histórica da dimensão espacial do teatro ocidental desde a cena grega ao realismo oitocentista.

Tamen, M. (1994). *Maneiras da Interpretação: os Fins do Argumento nos Estudos Literários*. Lisboa: INCM.

Tal como o autor revela no "Post-scriptum", "este livro trata de alguns aspectos da relação entre a teoria da literatura e a hermenêutica" e mostra o interesse na questão do modo como o campo dos estudos literários adquiriu as preocupações da hermenêutica e as consequências epistemológicas de algumas dessas preocupações.

Webb, E. (1992). *Literature in Education: Encounter and Experience*. London: New York, Philadelphia, The Falmer Press.

O autor filia a educação literária no domínio da educação artística. Fazendo uma análise minuciosa das implicações da leitura literária, propõe formas criativas de encontro escolar com a literatura.

Widdowson, H.G. (1991). *Practical Stylistics*. Oxford: Oxford University Press.

As questões da criação do sentido literário são aqui debatidas. A poesia e o seu ensino são as questões centrais desta obra que propõe práticas de ensino concretas de modo a desenvolver o interesse e o conhecimento dos alunos.

Yvancos, J. M. P. (1992). *Teoría del Lenguaje Literário*. Madrid: Ediciones Cátedra.